



UNIVERSIDADE DE LEIDEN
BACHELOR TESES EM LINGUÍSTICA BRASILEIRA
ESTUDOS LATINO-AMERICANOS, DIREÇÃO: *TRACK BRAZIL*

Emma Bierings

**O CONTATO LINGUÍSTICO NA REGIÃO FRONTEIRIÇA DO URUGUAI E BRASIL:
UMA BREVE EXPLICAÇÃO DO FENÔMENO *PORTUNHOL***

Leiden, junho de 2014.



UNIVERSIDADE DE LEIDEN
BACHELOR TESES EM LINGUÍSTICA BRASILEIRA
ESTUDOS LATINO-AMERICANOS, DIREÇÃO: *TRACK BRAZIL*

Emma Bierings

**O CONTATO LINGUÍSTICO NA REGIÃO FRONTEIRIÇA DO URUGUAI E BRASIL:
UMA BREVE EXPLICAÇÃO DO FENÔMENO *PORTUNHOL***

**Bachelor Teses apresentado ao programa de
Estudos Latino-Americanos em Linguística
brasileira, sob orientação da Prof. Dr. P. González
González.**

Leiden, junho de 2014.

*“Miña língua le saca la lengua al dicionario,
baila em pagode insima dus mapa
y fas com a túnica y a moña uma cometa
pra voar, livre y solta pelu seu.”*

- Fabián Severo

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1 - Terminologia.....	8
1.1 Denominações mais comuns.....	8
1.2 Denominações mais neutros.....	12
1.3 Denominações in vivo.....	12
1.4 <i>Portunhol</i>	14
2 - A história do <i>portunhol</i>	17
3 - O uso do <i>portunhol</i>	23
3.1 A região.....	23
3.2 Exemplos da fala e escrita.....	28
3.3 Aspectos sociais.....	30
3.4 A política linguística na educação.....	33
4 - Português em contato.....	35
4.1 <i>Diglossia</i> e <i>bilinguismo</i>	35
4.2 Português em contato nas fronteiras.....	36
4.3 A influência do português ao espanhol.....	36
4.4 A influência do espanhol ao português.....	37
4.5 <i>ERF</i> em contato com os <i>DPU</i>	38
5 – Conclusão/ Discussão.....	40
5.1 Uma interpretação possível.....	40
5.2 Discussão.....	42
5.3 Considerações finais.....	44
Referências bibliográficas.....	47
Anexos.....	52

Introdução

Como parte dos meus estudos, no segundo ano, tinha que escolher um país para estudar por dois meses. Podíamos escolher entre três países: a Argentina, o Chile e o Brasil. Eu decidi para ir ao Brasil, mas minhas amigas Elfi Beijering e Marijke van 't Zet escolheram a Argentina. Quando voltamos depois de três meses, tomamos um cafezinho em Leiden e contamos sobre as viagens que fizemos depois do programa obrigatório da universidade. Em certo momento, elas me contaram sobre a sua experiência no norte do Uruguai com um homem que trabalhava em uma loja. Elas disseram que ele não falava nem espanhol, nem português. Comecei a perguntá-las sobre esse idioma, porque nunca escutei de uma língua entre português e espanhol, e elas me disseram que o homem da loja explicou que falava *portunhol*. Também na minha viagem no Brasil ouvi disso, mas pensava que era só um nome para se referir às situações em que uma pessoa com a língua materna espanhola tentava falar português. Elfi, Marijke e eu começamos a discutir sobre esse fenômeno e isso foi o início de uma pesquisa mais ampla da minha parte.

Depois disso, li alguns textos e discussões sobre esse contato linguístico na fronteira do Uruguai e entendi que realmente está acontecendo uma coisa muito interessante lá. Naquela zona, o português e o espanhol estão em contato já por mais o menos 150 anos e, com isso, desenvolveu-se na zona fronteira do Uruguai com o Brasil um fenômeno que agora é mais conhecido como *portunhol*, *DPU* (Dialeto Portugueses do Uruguai) ou *fronteirizo* (dentre outros nomes). É importante falar sobre a terminologia utilizada para referir à mudança linguística, porque todos os termos têm tanto aspectos positivos quanto negativos. Por isso é importante aclarar a significação e os dois lados de cada termo para não haver confusão sobre que estou falando.

Essa situação linguística fronteira existe parcialmente por uma influência política forte, desde o século XVII, quando os falantes de português ocuparam, por um período significativo, uma grande parte do Uruguai. Com isso, formou-se um dialeto na fronteira entre os dois países, que tinha, como base, o português e uma forte influência presente do espanhol uruguaio. O objetivo da investigação apresentada neste trabalho é explorar a terminologia especializada utilizada em estudos anteriores sobre o fenômeno linguístico citado, explicar a situação linguística daquele região no período que envolve, mais ou menos 150 anos e, ainda, explorar as consequências linguísticas dessa zona fronteira entre o Uruguai com o Brasil atualmente. Após as

discussões citadas, segue uma conclusão e discussão sobre este estudo.

Quando uma pessoa fala sobre o *portunhol*, é preciso saber exatamente sobre o que ela está falando, para ter o foco na mesma direção. Para não haver confusão sobre os termos dados, a primeira parte deste estudo vai apresentar os termos utilizados na literatura especializada para referir ao fenômeno linguístico da zona fronteira entre o Uruguai e o Brasil. Tal apresentação será acompanhada de uma discussão ressaltando os pontos positivos e negativos de tais escolhas terminológicas. Segue-se uma explicação da escolha do termo mais adequado para este estudo.

Nos últimos 150 anos, a partir do contato intensivo entre hispano falantes e os falantes de português brasileiro, desenvolveu-se uma nova forma de comunicação, que não foi aceitado pelos governos do Brasil e do Uruguai. Os acontecimentos na história dessa política linguística foram fundamentais para o *portunhol* e essa é a razão para apontar esse aspecto da história. Também inclui-se considerações sobre essa zona geográfica, para uma melhor localização dos fatos acontecidos.

Daí, este estudo segue com o foco no fenômeno linguístico na fronteira e observa onde e como está está sendo utilizado aquele dialeto/ língua. Também mostra-se se ainda existem problemas linguísticos com os programas dos estados do Uruguai e do Brasil, referindo à política linguística na educação.

Como parte desta breve investigação literária, explora-se também a ideia geral de português em contato. Daí, o foco é direcionado ao português do sul do Brasil em contato com outras fronteiras, e depois voltado à fronteira do Uruguai com o Brasil. Esses dados dos estudos anteriores nos mostram a situação linguística na fronteira do Uruguai e do Brasil e quais são, atualmente, os pontos de atenção e discussão dessa mudança linguística.

O trabalho é finalizado com um resumo deste projeto como resposta ao problema científico na forma de uma observação e uma discussão, com sugestões de aprofundamento de estudo.

Tal é o problema científico: Há várias investigações sobre a questão do que é exatamente o fenômeno linguístico na fronteira do Uruguai com o Brasil. Em alguns, há afirmações de que se trata de uma nova língua; outros consideram um dialeto ou tal-vez, vários dialetos. Mas, como

é possível descrever um fenômeno desse tipo, se os termos não são tão definidos? Então, o problema já fica no princípio. Por essa razão, a terminologia é, evidentemente, de muita importância neste estudo e, se mostrará como seu aspecto principal. Por isso, a descrição dos termos encontrados na literatura especializada será feita por pontos de vista distintos dos estudos anteriores, que logo são discutidos de forma crítica, explorando tanto os lados positivos, quanto os negativos. Depois da terminologia, também damos uma olhada à história do fenômeno linguístico, junto com o uso do idioma e a política linguística atual e a ideia geral no caso de uma língua em contato, para obter uma base maior para a discussão. Todos esses aspectos do *portunhol*, decorrem de uma tentativa de resposta à questão exatamente esse fenômeno se trata. Essa questão de abre em várias, como já explicado: como podemos descrever o *portunhol*, é uma língua ou um dialeto? Quais são os termos mais adequados para falar sobre esse fenômeno? Que base tem o *portunhol*, espanhol ou português? Algumas questões serão sugestão para estudos no futuro, para que todos obtenham o mesmo foco nesta situação linguística fronteira, referindo aos termos dados.

1 Terminologia

Há vários termos dados ao fenômeno linguístico na fronteira do Uruguai com o Brasil e todos têm sua própria justificativa de escolha e são utilizados sob determinado ponto de vista. Os termos mais utilizados para esses fenômenos são *fronteiriço*, *DPU* e *portunhol*. Existem termos mais neutros e menos empregados, que serão explicados neste capítulo também. Cada termo tem seu próprio significado e, muitas vezes, tem lados positivos e negativos, que serão mais discutidos no final deste estudo, no capítulo [Discussão](#). Para não obter confusão sobre o que exatamente se fala neste estudo, é preciso aclarar e explicar a carga e o sentido de cada termo.

1.1 Denominações mais comuns

O primeiro que falou da zona linguística da fronteira do Uruguai e do Brasil, que reconheceu a situação linguística dessa região como distinta das outras e que introduziu um termo para o contato linguístico do português com o espanhol foi Rona (1959). Para tratar desse fenômeno, Rona escolheu empregar o termo *dialeto fronteiriço*. Tal escolha terminológica se deu em decorrência do fato de que, nos seus estudos envolvendo o fenômeno, ele descobriu que havia uma variedade que foi fortemente afetada pela presença dos portugueses, e logo dos brasileiros, na fronteira do Uruguai com o Brasil. Então é um dialeto do português, particularmente falado na zona fronteiriça. Até hoje, o termo *fronteiriço* é usado como um termo de referência à tal situação linguística.

Segundo Rona (1965: 7), trata-se de um “*dialeto misto*”, que é:

“uma mistura de português e espanhol, mas não é nem português nem espanhol e resulta com frequência ininteligível tanto para os brasileiros quanto para os uruguaios. Este dialeto é de base portuguesa, hispanizada.”

Diferente do ponto de vista de Rona, Hensey (1965) descreve mais a existência do *bilinguismo* nas comunidades urbanas fronteiriças, em vez de tratar das comunidades das zonas rurais. Ele mostrou mais interesse em localizar dialetos resultantes do contato linguístico e observou que no norte do Uruguai há falantes de português, o que estimula uma situação de *bilinguismo* (o uso de duas línguas na mesma situação, sem misturar), mas também há falantes da mistura

dos dois idiomas, nas cidades gêmeas. Essas cidades, que ficam com uma metade no Uruguai e a outra no Brasil, são as seguintes:

- Artigas/ Quaraí
- Rivera/ Sant'Ana do Livramento
- Aceguá/ Aceguá
- Rio Branco/ Jaguarão
- Chuy/ Chuí

Aqueles cinco pontos urbanos são separados, e geral, ou por as vezes um rio ou, por uma rua. Hensey (1965) descreve essa situação linguística nas cidades gêmeas como *interlecto*, uma língua entre duas comunidades para se comunicar de uma forma distinta do bilinguismo normal que acontece em outras comunidades. A diferença com o bilinguismo normal é que, nele, os idiomas se misturam na fala.

No entanto, nem todos os estudiosos concordam entre si. Elizaincín, Behares & Barrios (1987) criticam o termo *fronteiriço* porque, de acordo com eles, não cobre todos os aspectos da “língua”:

“a designação é demasiado ampla: na realidade qualquer linguagem que surja e se use em uma fronteira é um ‘fronteiriço’”

Em seguida eles introduzem outro termo para o contato de português com espanhol. De acordo com esses autores, é possível referir-se à variedade da língua falada na fronteira como *dialetos portugueses do Uruguai (DPU)*. Eles explicam que os falantes desse fronteiriço são monolíngues e todos se comunicam entre si em um dialeto, uma variação do português do Brasil. Dentre a mistura das duas línguas há também variedades, e por isso os autores usam a pluralidade do termo *dialeto*. A diferença das variedades é mais visível nas zonas urbanas das cidades gêmeas. As zonas rurais têm uma base portuguesa mais conservada. Segundo Elizaincín et al. (1987), a situação de *bidialectismo* ocorre quando um dialeto do espanhol padrão e um dialeto português do Uruguai é falado na mesma região. Com esse termo, os autores querem enfatizar que o espanhol do Uruguai também tem variedades e que na região fronteiriça existe um ou mais dialetos de base espanhola.

Carvalho (2003),¹ não concorda com essa dicotomia entre dialeto fronteiriço urbano e dialeto fronteiriço rural. Ela acredita que os sistemas linguísticos da fronteira uruguaia e brasileira não têm tanta coincidência e não é tão espontânea, deferentemente da afirmação de Elizaincín et al. (1987). Ela acredita que essas variedades linguísticas existem por muitos fatores extralinguísticos. Com isso, ela se refere a fatores como da história política linguística, a geografia e a situação socio-econômica da região, entre outros.²

Não há, portanto, duas categorias claras e não se pode comparar os fenômenos inconsequentemente. Carvalho (2003) acredita que o dialeto fronteiriço urbano é nada mais que um *dialeto* do português brasileiro. O dialeto fronteiriço rural, que ela chama *português uruguaio*, por outro lado, teria base portuguesa como descreve Rona (1965), e seria considerado outra língua, segundo Carvalho (2007).

Ela afirma que o *português uruguaio* se caracteriza, primeiramente, pela presença de características do português rural, que denuncia sua origem campestre e, em segundo lugar, pela influência do espanhol, que seria uma consequência inevitável diante dos séculos de contato.

Com essa discussão, Carvalho (2003) pretende desfazer a ideia de que os dialetos convivem na zona fronteiriça e propõe a ideia de um *contínuo dialetal*, que é condicionado por variáveis sociais e estilísticas individuais e que preenche a lacuna de uma separação drástica entre português e *fronteiriço*. Sendo um contínuo, então não há uma separação tão clara entre essas línguas.

Para ela, é importante distinguir neste caso o *dialeto* com a *língua* e deixar claro que nessa região fronteiriça, “*são duas variantes de uma só língua - o português*”.

Com isso, ela quer dizer, que o português brasileiro padrão é a base da variante urbana. A variante rural, por outro lado, tem uma base do português de Portugal por causa de fatores históricos (entre outros). Por isso, segundo a autora, não podemos usar o termo *dialeto*, porque reproduz a condição social dos falantes e eles não todas são iguais.

Carvalho Lafin (2011) segue nessa discussão com uma explicação de como ela toma os termos *dialeto* e *língua* e isso retoma uma discussão já existente. A diferença da classificação desses termos tem base na condição social dos falantes, acredita ela. No caso de uma *língua*:

¹ Para evitar confusão entre as duas pessoas distintas com o mesmo nome: Ana Maria Carvalho (2003) e Gabrielle Carvalho Lafin (2011).

² Logo neste estudo, a história política linguística será explicada, junto com a justificativa de por que foi um fator importante, no capítulo 3 *História de portunhol*.

“(…) há uma variedade considerada padrão, formal, de prestígio, que, por sua vez, prevê “a existência de relações de poder de uns (Estado) sobre os outros (usuários das línguas)” (Barrios, 1996: 85)”

E no caso de um *dialeto*:

“O termo *dialeto* refere-se, por outro lado, às variedades sem prestígio, (...) uma variedade adquirida de forma natural ou espontânea, com membros da família ou próximos do indivíduo.”

Com essas definições dos termos, Carvalho Lafin (2011) propõe que o termo *DPU* não parece adequado para o fenômeno linguístico fronteiriço, porque só esclarece que tem um “modo de falar”, como uma variedade de uma língua padrão e não menciona nada sobre o desprestígio, que é importante incluir, especialmente nesse caso.

Ao contrário e embora seja uma variação linguística do desprestígio, Sturza (2005) fala de *uma terceira “língua”* que:

“Não é nativa, não é a do imigrante, não é do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteiriça e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território linguístico da outra.”

Com isso, a autora reconhece que por vários fatores, além dos imigrantes e do Estado, surgiu outro novo idioma. Sturza (2005) concorda com Coseriu (1982), que afirma que todo sistema que possa funcionar no momento de fala é uma *língua* e que, deste modo, todo *dialeto* é uma *língua*. Assim, todo dialeto falado na zona fronteiriça do Uruguai com o Brasil, é uma língua.

No contexto dos termos sobre a fala na fronteira do Uruguai com o Brasil, Elizaicín & Barrios (1989) falam de outro termo ainda mais específico, que se trata sobre uma variante de espanhol na zona fronteiriça, é influenciada pelo contato com o *DPU*. Eles propõem o termo *ERF* (*espanhol rural fronteiriço*). Assim, sabemos que também há uma variedade de espanhol, como acreditam os autores, particularmente nessa zona rural fronteiriça. Por essa razão, esse assunto será discutido neste estudo, mais especificamente no capítulo 5 *Português em contato*.

1.2 Denominações mais neutras

Até agora, mostrou-se o fenômeno linguístico que é objeto de estudos deste trabalho não é fácil de ser definido, ao menos sem uma justificativa. Para evitar os termos extremamente específicos, que possuem uma carga forte, nos últimos estudos consultados para a elaboração deste apareciam termos mais neutros, como *fenômeno linguístico fronteira*, *mudança linguística*, *variação* ou *variedade do português na fronteira com o Uruguai* ou, ainda, *português fronteira*. Assim, a denominação é mais neutra, mas o problema com esses termos é que mesmo assim, eles não definem exatamente a situação linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil. O lado positivo é que quase não é possível entender os termos de outra maneira. Por exemplo, o *fenômeno linguístico fronteira* não deixa claro do que se trata e não define a região, nem a(s) língua(s) ou do que se trata(m) ou a condição social, mas sim apenas que acontece uma situação linguística diferente do que normal com a língua na zona fronteira. Com o caso de *mudança linguística* e *variação* ou *variedade do português* acontece o mesmo. Esses termos só reconhecem que não se fala o mesmo idioma. O termo *português fronteira* parece mais adequado, porque refere diretamente à zona de fala.

1.3 Denominações *in vivo*

Dentro da discussão sobre os termos já dados, é importante considerar os termos utilizados pelos próprios falantes de determinado idioma ou variedade linguística, para a ele/ela se referir. Normalmente, esses termos têm uma carga mais informal e, além do *portunhol*, são raramente escritos e utilizados em textos acadêmicos. Segundo Elizaincín et al. (1987), os próprios falantes reconhecem a língua em termos como *carimbão/ carimbado*, *brasileiro* e *portunhol/ portuñol*.³

A denominação *carimbão/ carimbado* é recorrente em certas zonas rurais do norte de Tacuarembó e não é muito usual no resto da zona fronteira. Kersch (2006: 25) registra esse termo em uma entrevista do ADDO-Norte e pouco antes, em uma entrevista do ADDU,⁴ Blaser (2003) confirma a aparência do termo usado pelo próprio falante *brasileiro*. Esse termo parece ser um termo mais neutro e mais usado entre os falantes. O *portunhol* será discutido ao final

³ Depois de uma leitura ampla, entendi que não há diferença entre *carimbão* ou *carimbado* e *portunhol* ou *portuñol*, só a forma pronunciada e escrita são distintas por causa das duas línguas em que se dão os termos. Também o caso de *fronteira/ fronterizo* é assim, tanto na fala e na escrita, os termos significam exatamente o mesmo e esses termos são usados na mesma frequência nos estudos acadêmicos do lado português e do espanhol.

⁴ ADDU = Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). Mais informação sobre as partes exatas em que estão os dados: em [Bibliografia](#). Esta informação foi estudada por Carvalho Lafín (2011).

em 1.4 Portunhol.

Carvalho Lafin (2011) descreve também outros termos que se referem aos próprios falantes como *baiano*, *abrasilerado*, *entreverado*, *corrupio* e *estraga-idioma/ rompe-idioma*.

O *baiano* é mais usado referindo à condição social dos falantes e tem uma conotação fortemente negativa. Esse termo se refere às pessoas que moram no estado da Bahia, no norte do Brasil, e que, por preconceito, carregam a fama de serem mais tranquilos e menos trabalhadores. Com o tom negativo de desprestígio, na zona fronteira se brinca com esse termo de referência.

O *abrasilerado* e o *entreverado* têm, por outro lado, uma conotação mais neutra. O *abrasilerado* tem como raiz o adjetivo “brasileiro”, que indica uma *fala misturada*, já que não se trata nem de espanhol, nem de português. A mesma mistura indica o termo *entreverado*, que significa em espanhol (na Argentina, na Bolívia, no Peru e no Uruguai):

“*Dito de pessoas, de animais ou de coisas: misturar desordenadamente*”.⁵

Os termos citados, portanto, relacionam-se à presença forte de mais idiomas sem que o falante saiba o que exatamente se fala e se sente que está dentro de duas línguas. Kersch (2006) entrevistou duas pessoas que usam esses termos para indicar essa variedade:

- *Que no es brasileiro ni uruguayo, está entreverado.*

- *Bueno, aqui nós dizemo baiano, porque semo entreverado, não somo brasileiro nem uruguaio. [...] Nós semo baiano entreverado. (CbGII - homem)*⁶

Esse exemplo mostra que os falantes são conscientes de fato que não falam português, nem espanhol, mas, além disso, ainda sentem que não fazem parte da comunidade brasileira nem uruguaia. Essa problema da identidade será mais explicado no capítulo 3 *O uso do portunhol*. O termo *corrupio* é, segundo Blaser (2003) um tipo de brincadeira que consiste em um movimento de roda. Essa referência remete ao termo *roda-viva*, que é uma espécie de dança no Brasil. Roda-viva também tem como segundo significado *confusão* ou *atrapalhação*. E assim, refere à confusão que têm os falantes da comunidade fronteira. Aqui notamos também a presença da *atrapalhação* entre duas línguas que já são reconhecidas pelo governo, o

⁵ Segundo o dicionário da Real Academia Española (RAE).

⁶ Informante da classe de menor escolaridade (Cb) e da geração mais velha (GII).

espanhol e o português.

Por fim, os últimos termos usados para fazer uma referência (falada) à situação linguística na fronteira pelos falantes mesmos, são *estraga-idioma* e *rompe-idioma*. Esses têm a relação claramente com o desprestígio do idioma e indicam uma conotação negativa nos próprios termos.

1.4 Portunhol

Ainda falta um último termo que precisa de uma explicação ampla. É o termo mais usado e. Por isso, também provavelmente o mais discutido: o *portunhol*. Ele foi deixado por último nessa discussão terminológica, porque neste estudo seguiremos empregando esse termo, e aqui será explicada a razão. Esclarecer esse termo é importante, porque existem muitas situações distintas em que *portunhol* é usado. Na pesquisa dos dados sobre o *portunhol*, elaborada para esta pesquisa, descobriu-se uma diversidade enorme de situações em que se utilizam o português e o espanhol no mesmo momento da fala. Essas situações vão, desde a utilização de duas línguas (português e espanhol) em contato pela primeira vez, até situações em que elas misturam ao longo do tempo e se convertem em uma língua que nem os brasileiros nem os uruguaios falam ou entendem. Entre essas e outras formas distintas do contato de português com espanhol, ou ao contrário, conclui que existem quatro formas em que o termo *portunhol* pode ser dividido, de acordo com o seu emprego:

a) *Qualquer contato de qualquer forma entre espanhol e português em qualquer parte do mundo.* Nesse caso não importa se se trata um hispano-falante comunicando com um português-falante ou o contrário, formal ou informalmente. Sempre é de forma espontânea, sem regras e sem conhecimento do outro idioma.

b) *O contato linguístico do português com o espanhol ou o contrário, em uma parte das fronteiras do Brasil.* Nesse caso, o uso é de uma forma informal, sobre-tudo para negócios locais, apenas visando a comunicação básica. Não há o objetivo de aprender a outra língua, mas pela experiência vivida há um pouco conhecimento dela.

c) *Hispano-falantes que estão aprendendo português, que se comunicam com um falante nativo de português, falam esse tipo de portunhol.* Eles ainda fazem erros na fala, de onde resulta que esses falantes de *portunhol* misturam as duas línguas inconscientemente. Isso também pode ocorrer na situação oposta, em que falantes de português estão aprendendo

espanhol.

d) *Uma variação linguística de uma mistura de base portuguesa com o espanhol uruguaio, na região da fronteira do Uruguai com o Brasil.* Esse tipo de *portunhol*, não se encerra em se mesmo, abre um legue de variedades da mesma base portuguesa. Essa variação não tem prestígio dentro da comunidade da fronteira.

Este estudo objetiva discutir a última forma em que o termo *portunhol* está usado, a variação linguística fronteiriça.

O termo *portunhol* é empregado por Punaren (1999) para descrever a última opção descrita: d). Ele reconhece que esse termo tem uma carga negativa, porque refere constantemente ao “mal falar”, porque não tem prestígio, mas também vê o lado positivo; propõe diretamente que há uma mistura de português com o espanhol. Como Elizaincín et al. (1987), ele propõe uma dicotomia da, por um lado, variação no meio urbano fronteiriço uruguaio com o brasileiro, e por outro lado, o fenômeno linguístico de contato nas zonas fronteiriças da Argentina com o Brasil em que, segundo ele, também acontece um fenômeno próximo ao do caso uruguaio. Ele usa, no caso uruguaio, o termo “terceira língua” e “interlíngua”, que formam duas hipóteses para explicar o *portunhol*.

Quem também classifica o *portunhol* como *terceira língua* é Lipski (2006: 7-8). Ele explica que, quando estamos referendo ao *portunhol*, é

“Essencialmente o português brasileiro rural na zona fronteiriça, com uma forte mistura de itens lexicais espanhóis e alguma transferência parcial de similares, mas não idênticas combinações gramaticais”.

E, por isso, sugere que estamos falando de uma “terceira língua”.

Waltermire (2012) reconhece que há muita incompreensão sobre o termo *portunhol* e explica que o *portunhol* definitivamente não pode ser uma *interlíngua*. Isso quer dizer, segundo Crystal (2003) que é um sistema linguístico criado por alguém que está aprendendo uma língua estrangeira. Waltermire (2012) diz que não estamos falando de imitar o outro idioma, mas também não podemos dizer que o *portunhol* é o português. Ele argumenta que muitos pensam

que o *portunhol* é outro idioma, porque já não parece ao espanhol padrão, nem ao português padrão, a que todos os falantes desse *portunhol* têm acesso a tais línguas pela televisão, o jornal, a família etc. O que ele opina é que é lógico que os falantes do *portunhol* falam de outra maneira do português padrão porque moram na fronteira com influência de espanhol, mas não significa que seja outra idioma. Ele opina que por isso, é mais adequado para nomear o *portunhol* como um dialeto do português.

Com a exposição feita até este ponto, fica claro que não é fácil definir essa situação linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil, porque há várias interpretações das terminologias empregadas. Daí resulta que todos esses distintos pontos de vista contribuem na discussão sobre a terminologia desse fenômeno linguístico fronteiriço e que não existe um termo com o qual todos os estudiosos concordam acerca do seu significado. No capítulo [5 Discussão](#), seguimos com os aspectos positivos e os negativos de cada termo e escolhemos o termo que parece o mais adequado. Para poder fazer isso, primeiro, é importante ver vários fatores extralinguísticos como históricos, sociais e políticos para obter uma ideia melhor da situação linguística e para conseguir uma base mais ampla do conhecimento do *portunhol*. Assim, torna-se possível uma crítica fundamentada dos termos e, também, um julgamento melhor sobre o terminologia desse fenômeno linguístico que acontece na fronteira do Uruguai com o Brasil.

2. História do *portunhol*

Para poder entender melhor o fenômeno linguístico na zona fronteira do Uruguai com o Brasil, 's preciso saber como participaram os fatores históricos à formação dessa situação linguística atual. É disso que este capítulo trata.

Será explicado o contexto do contato do português com o espanhol na fronteira do Uruguai e do Brasil. Esse contato linguístico já existe há aproximadamente 150 anos e sofreu de muitas maneiras. Por exemplo, a política uruguaiana não reconheceu o português como segunda língua no norte do país e proibiu esse idioma na educação. Isso mostra com a influência da política em um idioma é enorme. Assim, a língua materna de uma pessoa pode contribuir diretamente no seu status social e econômico, tipo de educação, religião e a cultura.

Devido a todas as mudanças que ocorrerem naquela região nos últimos 150 anos, é preciso falar sobre a história da expansão das línguas desde a colonização daquelas terras, que hoje pertencem ao Brasil e ao Uruguai, até hoje, para entender melhor o uso dessa nova variedade na sociedade da fronteira, o problema da identidade dos falantes e as diferenças entre a política de então e a de agora.

Em geral, o contato do português e do espanhol não foi muito intenso na época da colonização, o contato linguístico era mais visível apenas nas zonas de guerra. Nas outras situações, o Brasil se desenvolvia mais no litoral e não estava em contato com outros países. Só nos casos da guerra com o Uruguai sobre a Banda Oriental (região do Rio da Prata), com a guerra do Paraguai e com a luta pela posse do Acre, o contato aumentou (Vandresen, 2009: 188). Na **Figura 1**, podemos ver onde os portugueses estavam na guerra com os espanhóis (Colônia do Sacramento) e onde se concentravam as missões jesuíticas.

Antes da chegada dos jesuítas à tríplice fronteira (o Paraguai, a Argentina e o Brasil) no século XVII, só alguns dos primeiros europeus habitavam essa região, mas não tinham muito impacto na questão linguística (Judd, 2007). Isso porque a colonização, nos primeiros dois séculos, era feita mais que tudo por aventureiros, soldados e pessoas que vinham sem família. Os portugueses tinham, principalmente, mais contato com os troncos tupi-guarani, estabilizados no litoral e ao longo dos rios que desaguaram no Rio da Prata. Havia muita confusão entre eles e os indígenas que falavam tupi-guarani em por isso, acabou surgindo uma situação bilíngue

(Vandresen, 2009).

Os próprios jesuítas também não influenciaram muito na língua da fronteira, porque eles aprenderam guarani, uma das línguas indígenas dessa região (Judd, 2007). Depois da expulsão dos jesuítas, o governo português pretendeu reestabelecer o idioma no Brasil e não dava atenção às línguas indígenas ou outros idiomas estrangeiros (inclusive ao espanhol na fronteira do estado do Rio Grande do Sul). E entre 1650 e 1773, o governo não fazia nenhum esforço para preservar essas línguas ou os falantes, e o uso do *portunhol* não foi apoiado pelo governo (Vandresen, 2009).⁷



Figura 1: A localização da Colônia do Sacramento e o Rio da Prata e a área das missões jesuíticas na fronteira com a Argentina e o Paraguai.

Em 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, localizada em frente a Buenos

⁷ Depois de 1973 o governo brasileiro reconheceu os idiomas indígenas como línguas nacionais e começou a implantar programas bilíngues para esses falantes para dar um ensino melhor.

Aires, diretamente do outro lado do Rio da Prata, na fronteira da Argentina com o (agora chamado) Uruguai. Com essa colônia, chamada então Banda Oriental ou Cisplatina, os portugueses queriam quitar o poder e a autoridade da Espanha dessa região. Assim, nessa época, continuaram sendo elaborados muitos tratados para estebelecer e reestabelecer fronteiras e limites, enquanto os portugueses se expandiam, mas nunca conseguiam ter oficialmente domínio sobre essa região (**Figura 2**).

Em 1816, Portugal possui toda a província Oriental do Uruguai, o que durou até 1828. Então, como o Brasil se tornou independente de Portugal em 1822, a província era reconhecida como independente da República Oriental do Uruguai (Judd, 2007), preposta pelo Império Britânico (Vandresen, 2009:190). Assim, começou uma grande expansão dos portugueses e/ou dos brasileiros no Uruguai e o número da população cresceu rapidamente.



Figura 2: A ocupação da Banda Oriental com invasões em 1811 e 1816.

Esse acontecimento foi uma grande preocupação para os uruguaios e, por isso, eles começaram a “defender” seu espanhol (Judd, 2007). Entre 1831 e 1862⁸, o parlamento Uruguaio fundou várias colônias espanholas na fronteira e outras zonas do país para assegurar a continuidade do seu idioma. Também deixaram entrar o idioma na educação, que foi usada como instrumento para promover o nacionalismo e para, mais que tudo, espalhar o espanhol como (única) língua do Uruguai. José Pedro Varela (1845-1879) disse no seu testemunho sobre a influência dominadora do Brasil no norte que já se perdeu a língua nacional (referindo ao espanhol), que o português era o idioma mais falado e que a maioria da população da fronteira era brasileira (Judd, 2007). Até quase o final do século XIX, as duas línguas eram usadas em instâncias oficiais e particulares sem diglossia (Vandresen, 2009:190).

Na época de Varela, entre 1867 e 1878, a política uruguaia começou a construir escolas para neutralizar a dominação linguística do português nas comunidades da fronteira, porque as autoridades uruguaias se deram conta de que haviam pessoas que não falavam espanhol e que os professores ensinavam em português em vários lugares, a pedido dos pais. Como reação, o governo uruguaio estabeleceu, em 1877, a escolarização obrigatória em língua espanhola (Vandresen, 2009). Mesmo assim, a preocupação sobre a língua nacional do estado uruguaio continuou e, então, o Uruguai não reconheceu a situação linguística na fronteira como outro idioma oficial e seguiu considerando o espanhol como a única língua oficial do país.

O resultado disso é que o *português fronteiriço* (ou os *DPU*) é falado como primeira língua pela população originalmente do Brasil, sendo utilizado apenas com o uso só em situações privadas ou familiares. O espanhol, por outro lado, é usado pelas pessoas em situações educativas e em todos os setores profissionais, religiosos e administrativos (Vandresen, 2009).

Por se tratar de uma fronteira muito permeável, a população brasileira cresceu no norte do Uruguai e, por causa disso, há trabalhadores temporários do Brasil, brasileiros que compram terra lá e isso torna essa região um ponto de muitos negócios entre os dois países. Mas nem sempre a comunicação e o trânsito entre a fronteira e o interior do Uruguai foram fáceis. Só no ano de 1940 se abriu uma estrada de Montevideu a Rocha e em 1953 uma a Rivera. Por

⁸ Judd (2007) diz 1853-1862, e os dados de 1831-1862 são de Vandresen (2009). Não é seguro quando exatamente começaram os programas, mas o período de 1853-1862 pode referir a que o espanhol podia ter promovido com mais intensidade.

isso, a comunicação entre português brasileiro e espanhol uruguaio na fronteira era mais comum do que a comunicação com hispano-falantes do interior do país. Dessa forma, as cidades nos dois lados da fronteira cresceram juntas. Essa também é a razão pela qual as cidades gêmeas são em muitos casos só divididas por uma rua ou um rio que tem as duas bandeiras nos dois lados (Judd, 2007).

Na primeira metade do século XX, a situação linguística daquela região foi classificada como 'diglossia clássica' por Behares (2004:12). Ele também usa o termo 'diglossia autoritária', referindo ao período da ditadura militar uruguaia (décadas de 70 e 80), quando o português na fronteira foi visto como língua antinacional e foi proibido, junto com a penetração do português pela televisão. Os falantes do dialeto fronteiriço eram as pessoas mais isoladas e pobres da sociedade, sem acesso a boas escolas. O *portunhol*, por essas razões, foi considerado como uma variedade baixa, com uma ligação direta ao fracasso escolar (Behares, 2004:13).

A mesma situação aconteceu no Brasil, com respeito à ditadura militar. Na época de Getúlio Vargas (décadas de 30 até 50) foi proibido, no território brasileiro, falar outro idioma que não o português, nem mesmo em situações privadas ou familiares.

Depois da ditadura, o Mercosul tinha proposto um programa de educação para emergir os idiomas falados no país, então o Uruguai implantou um programa de imersão de espanhol e português nas escolas fronteiriças. O ensino foi dado nos dois idiomas e os estudantes de língua de português fronteiriço tinham o foco de se comunicar e escrever em português e espanhol, com o objetivo de que se tornassem fluentes nos dois idiomas (Vandresen,2009:191).

Então, esse fenômeno linguístico já começou a se desenvolver e a emergir nos últimos 150 anos, mas a educação não podia ser dada no idioma que falam na fronteira, no lado uruguaio, tinha que ser em espanhol. Ressalta-se que isso aconteceu apesar do dialeto fronteiriço não ser compreensível nem para os falantes de português do Brasil, nem para os hispano-falantes do Uruguai.

Os falantes do idioma da fronteira sofreram muito e isso mostra que a política de um país pode determinar, em grande parte, a identidade, o status e a situação econômica de uma pessoa, ao escolher só uma idioma nacional e proibir todos os outros por meio de ensino, televisão, religião e administração. O *portunhol* foi proibido desde a ditadura militar, tanto a uruguaia quanto a brasileira, nos anos 70 e 80 (Uruguai) e 30 até 50 (Brasil), mas o português, agora

com influência do espanhol, ainda sobreviveu como língua dominante na zona fronteira.

Com o conhecimento da história, da zona fronteira entre o Uruguai e o Brasil, é possível concluir que o fenômeno linguístico dessa região é algo que é baseado na língua portuguesa com influência do espanhol, e não é o contrário. Com a luta constante da política do Uruguai contra o português para defender seu idioma, especificamente desde 1853, o governo uruguaio estabeleceu comunidades no país para perpetuar a língua espanhola. E assim, embora fosse falado em muitas partes do país, até uma província inteira, o português nunca conseguiu ter um lugar oficial nos idiomas nacionais do Uruguai até 2008. Sobre isso, vamos falar no próximo capítulo.

3. O uso do *portunhol*

Treis

*“Noum sei como será nas terrasivilisada,
masein Artigas
viven los que tienen apeyido,
los se ninguéim,
como eu,
semo da frontera,
neim daqui neim dalí,
no es nosso u suelo que pisamo
neim a língua que falemo.”*

Fabián Severo (2010: 25)

Para poder seguir na discussão sobre a denominação e definição do *portunhol*, é preciso falar do uso da língua na zona fronteira entre o Uruguai e o Brasil e esclarecer outros fatores que participam na expressão do idioma. Assim, obteremos uma imagem mais ampla da região em que se fala o *portunhol*, como se usa a língua na vida social cotidiana e como é a relação política atual com este fenômeno linguístico.

3.1 A região

Rona (1959) foi o primeiro que reconheceu a situação linguística fronteira e fez um mapa que, na sua visão, aclarava a região da fala. Rona (1965) opinou que “*a verdadeira fronteira linguística entre o espanhol e o português se encontra no Uruguai*” e também concluiu que não havia uma linha clara entre as duas línguas (Judd, 2007).

Segundo a mapa de Rona (1959) (**Figura 3**), podemos distinguir quatro variedades dessa língua fronteira, dependendo do estado em que se fala. Essas variedades se diferenciam nos estados uruguaios Artigas, Tacuarembó, Cerro Largo e a zona em torno de Rivera. Logo, Elizaincín et al. (1987) reconheceram que há mais variantes ou *dialetos* e Carvalho (2010) fala

de *bilinguismo* nos departamentos de Rivera, Artigas, Cerro Largo e Chuí, com, de um lado, o espanhol padrão uruguaio no ensino e, de outro lado, o português uruguaio. Durante o desenvolvimento do estudo dessa situação linguística, esses autores obtiveram outro ponto de vista sobre a fala das variantes na fronteira e dividem as variedades de outra maneira, mas todos concordaram que não existe só uma variante da língua falada na fronteira. Elizaincín et al. (1987), por exemplo, fizeram uma dicotomia clara entre os dialetos urbanos e os rurais, enquanto, Carvalho (2003) reclama que entre esses dialetos não existe uma linha clara. Ela diz que os fatores extralinguísticos, como históricos, sociais e políticos, também contribuem a uma distinção dos dialetos, e dá ênfase a esses aspectos nos seus estudos.

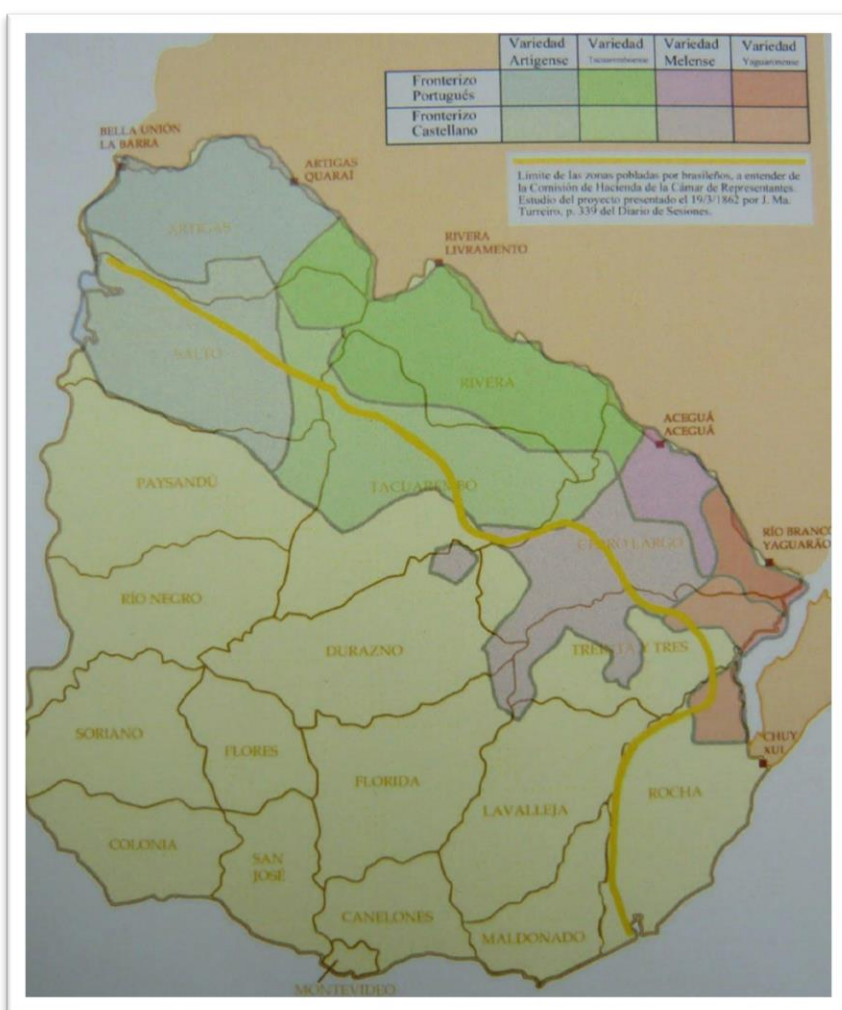


Figura 3: Mapa da zona fronteiriça segundo Rona (1959), em que a linha amarela aponta a limite da zona povoada por brasileiros em 1861 e em que mostra as quatro variedades do *fronteiriço*.

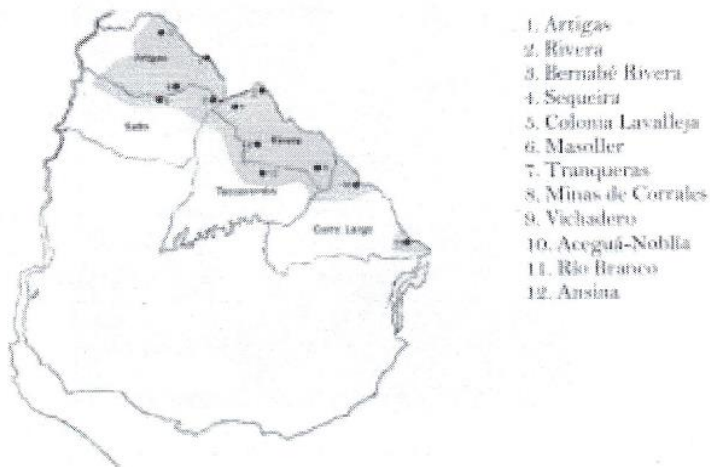


Figura 4: Mapa dos pontos das cidades fronteiriças e a distribuição atual do português do Uruguai no território uruguaio, segundo Sara dos Santos Mota (2012: 131).

Na **Figura 4**, vemos na área cinza a distribuição atual do português uruguaio, como também vemos que há várias cidades nessa parte. Na fronteira existem cinco pontos de cidades gêmeas que são separadas por um rio ou uma rua só⁹. Essas cidades estão na **Tabela 1**.

País	Cidades gêmeas na fronteira				
<i>Brasil</i>	Quaraí	Santana do Livramento	Aceguá	Jaguarão	Chuí
<i>Uruguai</i>	Artigas	Rivera	Aceguá	Rio Branco	Chuy

Tabela 1: As cidades gêmeas na fronteira do Brasil com Uruguai.

Com uma metade no Brasil e a outra no Uruguai, essas cidades formam, desde o século XIX, os pontos de transição dos dois países. É importante mencionar que as cidades brasileiras foram fundadas primeiro. Logo, desde a metade do século XIX, o governo uruguaio estimulou o

⁹ Quaraí/ Artigas e Jaguarão/ Rio Branco são separados por um rio, Santana do Livramento/ Rivera, Aceguá/Aceguá e Chuí/Chuy são separados por uma rua. Também há outro ponto na fronteira com duas cidades: Barra do Quaraí no Brasil e Bella Unión no Uruguai. Ao contrário das outras cidades, essas são separadas por seis quilômetros e então por isso, neste estudo não é considerado adequado para tratar Barra do Quaraí e Bella Unión como cidade gêmea, porque tal vez essa separação tem outra influência ao desenvolvimento da língua. Assim, é melhor focarmos nos outros cinco pontos.

estabelecimento de novas colônias de hispano-falantes. A razão para fomentar essas novas cidades na fronteira uruguaia foi evitar uma expansão potencial dos brasileiros, junto com sua língua e cultura, para o interior do Uruguai (Waltermire, 2012). É preciso apontar esse acontecimento histórico, porque, até hoje, é usado como explicação que a base do dialeto na fronteira é português.

Daí resulta que Rona (1965) parece ter razão sobre que *a verdadeira fronteira linguística se encontra no Uruguai*, porque os brasileiros sempre estiveram presentes no lado brasileiro da fronteira. Também ocupavam uma grande parte no norte do Uruguai e falavam português. Logo, os hispano-falantes fundaram as cidades nas províncias no norte do Uruguai e na fronteira, no lado uruguaio, e influenciaram o português no norte do Uruguai até a fronteira com o Brasil. Assim, é lógico que a fronteira linguística entre o espanhol e o português mudou para o interior do Uruguai.¹⁰ Um bom ponto para mencionar nesta verossimilhança é que, nesse caso, assumimos que a fala da fronteira é um dialeto do português. Se assumimos que a fala seja outro idioma, a fronteira da que falava Rona (1965) seria a fronteira do espanhol uruguaio com o *portunhol*.

Em **Figura 5**, há um mapa para aclarar esta suposição em que se explica onde está aquela fronteira linguística e qual será a zona em que se fala o *portunhol*.

¹⁰ Então, como eu o entendi é que antes da expansão dos hispano-falantes ao norte do Uruguai, a fronteira linguística foi ainda mais baixa do que agora. Isso é, porque os brasileiros ocupavam também uma parte mais no interior do Uruguai. Depois mudaram mais na direção da fronteira, no norte, e levavam o seu idioma.

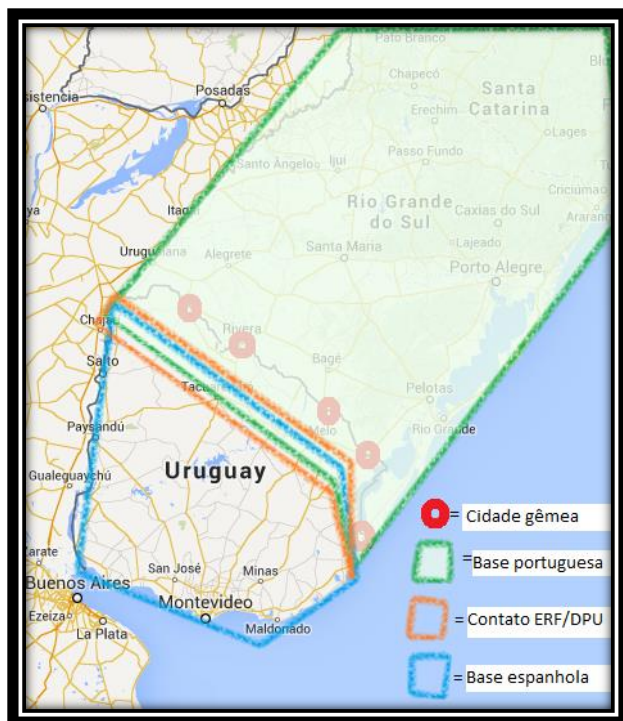


Figura 5: Português com influência de espanhol (Base portuguesa), espanhol com influência de português (Base espanhola), contato *ERF* e em qual parte se fala portunhol.¹¹



Figura 6: Mapa dos rios na área fronteira, para poder imaginar as linhas de Behares (2010:13).
 Basado no mapa da **Figura 6**, veremos a visão de Behares (2010) sobre toda a zona fronteira.

¹¹ A mapa vem do Google Maps, as linhas são desenhadas por mim.

A primeira linha vai entre a foz do Rio Ibicuí, no Rio Uruguai, e a margem norte da Lagoa dos Patos, onde está Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A segunda linha coincide com o Rio Negro, no território uruguaio. No território entre essas duas linhas, são falados dialetos que são típicos dessa região, de acordo com Behares (2010:18). O autor explica que, na região fronteira brasileira, os “gaúchos”¹² falam português com alguma influência do espanhol, principalmente no léxico ou na fonologia.

O que temos que levar em conta é que, nessa área no Brasil, o espanhol é visto ainda como um idioma estrangeiro. No entanto, os uruguaiois na fronteira ainda falam o *portunhol* com a base portuguesa. Então os idiomas dos dois países parecem distintos, porque na história vemos que a influência dos contatos linguísticos foi diferente.

3.2 Exemplos da fala e escrita

Para obter uma ideia melhor sobre esse fenômeno linguístico fronteiro, é importante saber do que exatamente estamos falando. Por isso, agora seguem alguns exemplos da fala.

Waltermire (2012: 514) fala de um exemplo em que falou um consultante sobre que os *habitantes de Rivera falam três idiomas*: o espanhol, o português e o *portunhol*. Ese homem explicou há diferença, porque, por exemplo, na região utiliza-se três nomes para a palavra *colher*, em português, *cuchara* em espanhol e *culler* em *portunhol*. Em outras palavras, parece outro idioma ou pelo menos um distinto dialeto.

Carvalho (2006) cita outro exemplo. Um funcionário público de Rivera explica que o português lhe causou problemas:

*“Eu **tuve** problema, quando estudei **tuve** problema. Com os guri é **ansim**, aqui não tem universidade, tem que ir pra Montevideú e chega lá e não sabe o próprio idioma nosso.”*
(Rivera, 1996)

Neste exemplo de Carvalho (2006:161), vemos que a conjugação do verbo *ter* é usada na maneira espanhola, em vez de *tive* em português. A palavra *ansim* nem é português, nem

¹² Um termo informal para dizer que essas pessoas são do estado do Rio Grande do Sul, ou do extremo Sul do Brasil, ou seja, da zona fronteira.

espanhol.¹³

Também Rocha (2008) concluiu que, na zona fronteiriça do Brasil com o Uruguai não só existem empréstimos lexicais, mas ainda há muitos outros aspectos que essa *língua* na fronteira adotou na fala. Ela fala de tanto aspectos gramaticais, quanto pragmáticos-discursivos que caracterizam esse fenômeno linguístico.

Alguns exemplos de palavras hispânicas usadas no Rio Grande do Sul e também na zona fronteiriça são: *cerro/ cochilha, rastilho, aspa/guampa, cola, chichuelo, jogo da tava* e *bolicho*.

A **Figura 7** nos dá uma ideia.

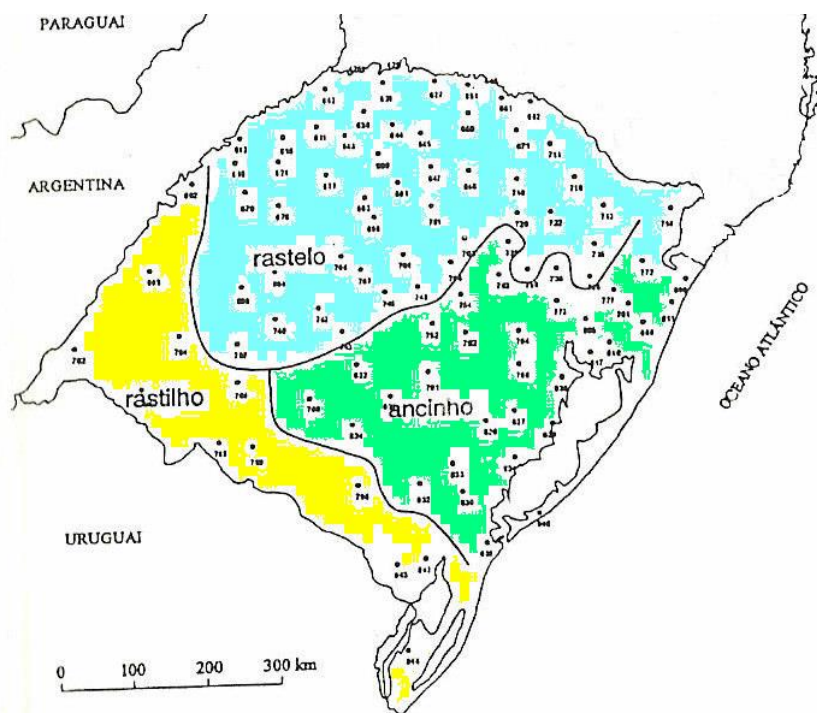


Figura 7: Uma mostra onde se fala “rastilho” e os outros variantes “rastelo” e “ancinho” no Rio Grande do Sul (Rocha, 2008: 51).

Todos esses exemplos, são exemplos da fala, mas também existem exemplos que são

¹³ Em português a palavra seria a palavra *assim* e em espanhol a palavra seria *así*. Essa é a minha observação e análise.

escritos, por exemplo do poeta Fabian Severo.¹⁴ Só para observar e para obter uma ideia como pode soar o *portunhol*, aqui um fragmento dos seus poemas “*Trintidós*”.

Trintidós

*“Yo no quiería ir mas en la escuela
purque la maestra Rita, de primer ano,
cada ves que yo ablava
pidía pra que yo repitiera y disía,
vieron el cantito na vos del, asín no se debe hablar
y todos se rían de mim,
como e ya pidía que yo repitiera,
yo repitía y ellos volvían se ri.”*

Fabián Severo (2010: 60-61)

3.3 Aspectos sociais

Na zona fronteira uruguaia, os dialetos de base portuguesa não gozam muito de um tratamento de inclusão social. Em muitos casos, os falantes ocultam sua língua maternal, porque não querem ser vistos como pessoas de classe média-baixa ou baixa (Carvalho Lafin, 2011). Geralmente, os falantes que são monolíngues do dialeto fronteiro, são analfabetas e de classe baixa. Os falantes bilíngues do dialeto fronteiro e do espanhol uruguaio usam esse dialeto só na comunicação com a família e no ambiente informal. O espanhol é visto como uma forma mais culta de falar, e por isso é a língua de administração, educação, religião e é usado no ambiente formal.

Na eleição das línguas e diglossia na fronteira, é preciso esclarecer que se trata do uso do espanhol uruguaio local ou o dialeto baseado no português, segundo Carvalho (2007:58). O português padrão não se fala na fronteira, só se escuta na televisão e em ocasiões cultas. Na **Tabela 2** está uma parte da tabela de Behares (2004), quem fez uma pesquisa sobre a

¹⁴ Esse poeta é de Artigas, e escreve sua poesia em *portunhol*. A ortografia é baseada na ortografia espanhola, porque não existe uma ortografia oficial do *portunhol*. Também o escritor Wilson Bueno escreveu uma prosa, *Mar Paraguai* (1992) (Daniel, 2010), que é uma mistura do português, espanhol e guarani. A diferença entre ele e Severo é que Bueno inventou sua linguagem e Severo não. O cantor Chito de Mello de Rivera, sim canta na sua língua coloquial, que não é inventada.

evolução de diglossia na zona fronteira.

Diglossia	Variedades	Falantes	Usos/ valores
“Nova” ca. 1995	A. Espanhol uruguaio	Agentes educativos, setores profissionais, religiosos, administração. Povo alfabetizado e de classe média.	Para todos os fins públicos. Prestígio em tanto provem da capital. Marca de superioridade social. Associada à “identidade oriental”.
	B. Português fronteiriço	- Classes baixas com baixa alfabetização, como língua materna. - Classe média, como língua de comunicação coloquial.	Uso privado. Não se atribui valor de “variedade linguística”, embora já se vincule com a “identidade regional”. Marca de inferioridade social. Aceitada como “característica folclórica”. Não gera adesão nos seus falantes de classes baixas, mas em muitos de classe média.
	C. Português padrão	Setores cultos da classe média. Televisão.	Valorizada em função da integração.

Tabela 2: A situação sociolinguística na zona fronteira entre o Uruguai e o Brasil por Behares (2004:14).¹⁵

Com a **Tabela 2**, Behares (2004) quer mostrar as mudanças da diglossia naquela área e concluiu, ao final, que, na situação atual, o *portunhol* já nem sempre é visto como um dialeto negativo. Isso aconteceu, porque a comunidade está mudando da sua língua maternal

¹⁵ A tabela original tem mais etapas da diglossia anterior mas, para este estudo, essa parte não tem muita importância. O mais relevante, nesse caso, é que temos uma ideia do estudo de Behares (2004) e que vemos uma divisão social de dados recentes. Traduzido por mim.

portunhol para o espanhol uruguaio, ou em uma comunidade bilíngüe em que o portunhol de baixo prestígio convive com o espanhol local. Ela é a razão porque está crescendo a classe média com bilíngües e com falantes de espanhol uruguaio.

Para dar um exemplo do prestígio do espanhol uruguaio na zona fronteira, o estudo do Carvalho (2006) mostra que o /s/ aspirado é uma variante do espanhol de Montevideu e que, por isso, esse /s/ aspirado é um marcador de prestígio para os hispano-falantes na fronteira. Então, para parecer de uma classe mais alta, o espanhol de Montevideu é usado para uma identificação mais uruguaia. Isso quer dizer, que ainda existe uma classificação social entre os dialetos fronteiros espanhóis do Uruguai e o espanhol de Montevideu. Sobre esse assunto, os dialetos fronteiros espanhóis, falamos mais especificamente no capítulo 4 [Português em contato](#), no ponto 4.5.

Como entendemos com a [Tabela 2](#) de Behares (2010), as línguas usadas nas comunidades, sempre têm coerência com as classes sociais. Isso pode se expressar em situações linguísticas muito complicadas, porque os idiomas apontam um certo nível da classe social no momento da fala. Ou seja, essa língua aponta uma certa forma de identificação, entre os brasileiros e os uruguaio. Nessa classificação inconsciente da identidade no momento da fala, entendemos dos exemplos seguintes que os brasileiros, ou seja, os falantes do dialeto com a base portuguesa, parecem marginalizados.

Neste exemplo, um trabalhador da cidade gêmea Rivera ilustra esse conflito da identidade social entre as duas línguas:

“Eu não sei porque. Somos uruguaio, mas predomina a língua brasileira.”
(Rivera, 1996)

Uma empregada doméstica da cidade gêmea Artigas diz o seguinte:

“Eu não sou brasileira, mas me criaram assim, em português.”
(Artigas, 2002)

E para dar um último exemplo dessa marginalização e identidade conflituosa, um diálogo entre Carvalho e um adolescente:

- *Tu fala português com o teu pai?*
- *Não, falo espanhol.*
- *Por quê?*
- *Porque ele é uruguaio.*
- *E tu não é uruguaia?*
- *Sou, mas ele é do Sul.* (Rivera, 1996)¹⁶

Com esses três exemplos, fica claro que os uruguaios vivendo na zona fronteira não querem ser identificados como brasileiros. Isso porque, em muitos casos, junto com uma identificação como brasileiro vem de uma pessoa de classe social baixa.

Agora vemos que a situação linguística é muito complexa e que existe um conflito social entre os falantes de dialetos de base portuguesa e os de base espanhola. Também dentro desses dialetos, aparece uma classificação que aponta o prestígio e o desprestígio dos idiomas.

3.4 Atitude política na educação

A situação linguística junto com suas justificações e classificações sociais, está em uma relação próxima com a política linguística dos últimos 150 anos. A política uruguaia do século XIX queria construir uma nação com uma língua só, como era comum para muitos governos dessa época, para contribuir à formação de uma identidade nacional. Por isso, a educação também podia ser dada só em espanhol no país inteiro. A ideia que levou o estado uruguaio foi que os que não falavam espanhol, não eram verdadeiros uruguaios. Essa atitude é ainda visível na vida social entre os hispano-falantes e os descendentes daquele povo brasileiro na fronteira. Durante esse período, os governos acreditaram que o português foi um problema para a consolidação da República. Por muitos anos, aquela atitude política continuou, sem reconhecer que no norte do Uruguai falava-se uma certa forma de português (Sturza, 2005; Behares 2010; Carvalho, 2006, 2010; Waltermire, 2012).

Em 2003 iniciou um “Programa de imersão dual espanhol - português” em que os departamentos fronteiros uruguaios desenvolviam uma educação bilíngue na fronteira com o

¹⁶ Estos três últimos exemplos vêm de Carvalho (2006: 162-163).

Brasil. Essa discussão intensa sobre o ensino bilíngue começou quando o Mercosul decidiu designar tanto a língua espanhola quanto a portuguesa como o idioma oficial do Mercado Comum entre o Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai em 1991. Desde então, também a atitude da nova geração no Uruguai e Brasil mudou. Os estudantes começaram a ser mais interessados no idioma do outro lado da fronteira (Carvalho, 2006).

E assim, depois de outra luta para convencer o governo e os professores da importância do ensino bilíngue, finalmente em 2003, cinco escolas experimentais iniciaram, aquele programa de imersão dual. Em 2008, o *português do Uruguai*, que agora é o nome oficial na bibliografia acadêmica e dos documentos oficiais, foi reconhecido como parte das línguas nacionais uruguaias. Como resultado, em 2009, já haviam 36 escolas que participando desse programa, com mais de 7000 alunos. No lado brasileiro da fronteira, iniciou-se o ensino do espanhol como uma língua estrangeira (Behares, 2010).

Esses programas são muito importantes para o desenvolvimento de uma comunidade em que se fala mais idiomas. Como vimos também neste capítulo, na parte sobre os aspectos sociais das comunidades na zona fronteiriça, existem relações muito complexas e conflituosas entre os que são monolíngues. Com a contribuição desses programas nas cidades da área perto da fronteira, a comunidade bilíngue cresce e ela será a nova geração de classe média. Isso é um ponto positivo, porque assim talvez se resolvem os conflitos sociais e a comunidade seria mais homogênea.

4 Português em contato

A diversidade das línguas em contato com o português é enorme. Falando em linhas gerais, desde a influência das línguas africanas e indígenas na época da colonização, até as línguas dos imigrantes dos últimos dois séculos, o português do Brasil é influenciado de muitas formas. Neste capítulo *português em contato*, falamos em especial sobre a região do extremo sul do Brasil, no estado Rio Grande do Sul. Primeiro, será observado o português em contato nas fronteiras em geral, depois o português em contato com o espanhol. Também é importante falar sobre a influência que veio e vem na direção oposta; a influência daquele *portunhol* à língua falada pelos habitantes da área rural do Uruguai, perto da fronteira, que se chama *espanhol rural fronteiro* (ERF).

4.1 Diglossia e bilinguismo

Para ampliar o conhecimento sobre a situação linguística fronteira, será observado a outra discussão atual sobre a língua falada na fronteira, que se trata da *diglossia* e o *bilingüalismo*.

O primeiro que deu uma definição à *diglossia* foi Ferguson (1959). De acordo com ele, a diglossia é uma situação linguística na qual uma variedade de baixo prestígio coexiste com uma variedade altamente codificada, usada na literatura e na educação formal. Essa última variedade não será usada na comunicação da vida cotidiana (Coll, 2009: 238).

Waltermire (2012) notou que a comunicação não é tão separada em uma língua para ocasiões informais sociais, e a outra para ocasiões formais. A ele, não parece realístico que os falantes usam as línguas exclusivamente para uma desses casos. Carvalho (2010) fala de uma situação de *semi-diglossia*, porque não há uma linha clara no uso dessas duas línguas. Não se pode dizer qual variedade é a variedade baixa e qual é a alta. Também Waltermire (2012) discorda da ideia de “bilinguismo intenso”, que se trata de uma comunidade bilingüe que usa as duas línguas em todas as ocasiões. *Bilinguismo intenso* se caracteriza também com misturas dos idiomas da comunidade em vez de separação.

O bilinguismo da comunidade do que estamos falando neste estudo tem como primeira língua uma das línguas locais na fronteira, seja ERF ou DPU, e, como segunda língua o espanhol uruguaio ou português padrão. No restante do capítulo falamos sobre o contato entre esses falantes e as influências de um idioma ao outro.

4.2 Português em contato nas fronteiras

Como está escrito no capítulo 2. *História do portunhol*, no período colonial, o português no sul do Brasil estava, mais que tudo, em contato com línguas do tronco tupi-guarani, faladas no litoral e ao longo dos rios da bacia do Rio da Prata. No tempo das missões jesuíticas, no século XVIII, os jesuítas adotaram o guarani para espalhar o cristianismo (Vandresen, 2009:186) e, hoje, ele é a segunda língua nacional do Paraguai. Segundo Sturza (2005), esse reconhecimento tem muita importância étnica e identitária, assim o guarani pode desenvolver dentro de outras línguas como do espanhol. Mas também os brasileiros, ou também chamados *brasiguaios*, levam a sua língua ao interior do Paraguai.

No fluxo migratório no território argentino, os brasileiros vieram junto com alemães, italianos e polacos e estabelecerem comunidades portuguesas. No caso do contato com a fronteira argentina, no estado de Misiones, os brasileiros também levavam seu idioma que ainda está presente, mas não tão intenso com no extremo sul, na fronteira do Uruguai.

4.3 A influência do português no espanhol do Rio da Prata

Talvez parece estranho que o português brasileiro está conectado com o extremo sul do Uruguai mas, vendo a história, podemos entender que, no século XIX, os portugueses tinham muito contato linguístico com os espanhóis nessa área. Assim, ficou uma herança linguística no dialeto da bacia do Rio da Prata (Argentina e Uruguai), que é mais conhecido como *lunfardo*.

Essa fala popular, que teve o origem em Buenos Aires no final do século XIX, também está, como o portunhol, até o dia de hoje em desenvolvimento (Pastafiglia, 2008). É importante mencionar esse fato, porque não só vemos que é preciso analisar a história para dar conta das mudanças linguísticas, mas também porque agora sabemos que não só na fronteira brasileira existe essa influência do português. Isso quer dizer que há mais pontos no Uruguai nos quais pode se encontrar esse herança linguística dos portugueses.

Alguns exemplos do empréstimos lexicais do português ao *lunfardo*, segundo Pastafiglia (2008:3) são os seguintes: parceiro - *aparcerero*, chimarrão - *cimarrón*, tchê - *che*, cancha - *cancha*, pilcha - *pilcha*, charque - *charque*, estância - *estancia*, pago - *pago*, bagual - *bagual*, apero - *apero*, china - *china*, agregado - *agregado*, guri – *guri*. As palavras em itálico são itens do *lunfardo*, emprestados das citadas expressões do português. Então, vemos que as palavras brasileiras podem se encontrar também em outros dialetos ao longo da fronteira, com o

desenvolvimento retomando à mesma época de origem do *portunhol*.

4.4 A influência do espanhol ao português

Nesta subseção, será mostrada a influência do espanhol no português brasileiro no estado brasileiro Rio Grande do Sul, com base em uma investigação feita por Rocha (2008). Trata-se de uma dissertação de mestrado baseada nos dados do ALERS.¹⁷ No capítulo *Anexos* deste estudo, temos os mapas que Rocha (2008) analisou. Isso é para mostrar a área da distribuição de cada palavra e, assim, podemos ter uma ideia geral dos limites da área influenciada pelo espanhol no português no Rio Grande do Sul. É importante ter esses mapas em mente, para logo poder seguir com o capítulo 5 *Uma interpretação possível*.

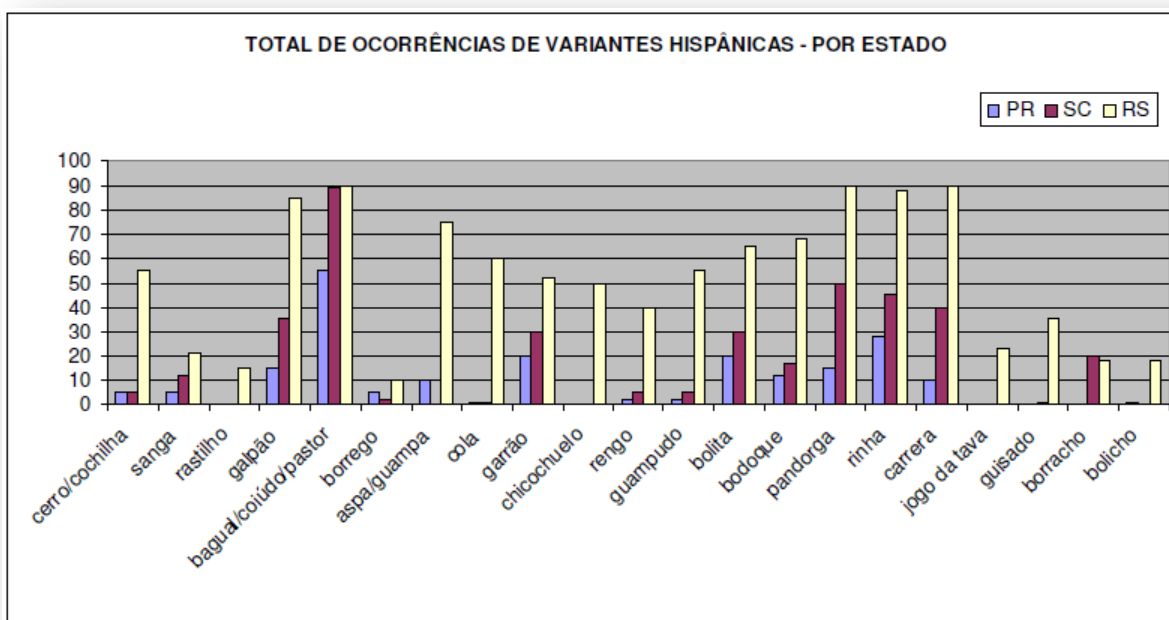


Tabela 3: Total de ocorrências de variantes hispânicas - por estado do sul do Brasil, concluído por Rocha (2008: 131). PR= Paraná, SC=Santa Catarina e RS= Rio Grande do Sul.

Na **Tabela 3**, vemos claramente que há uma presença forte da influência das variantes hispânicas no estado Rio Grande do Sul. Para ver porcentagens damos uma olhada à **Figura 8**.

¹⁷ Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).

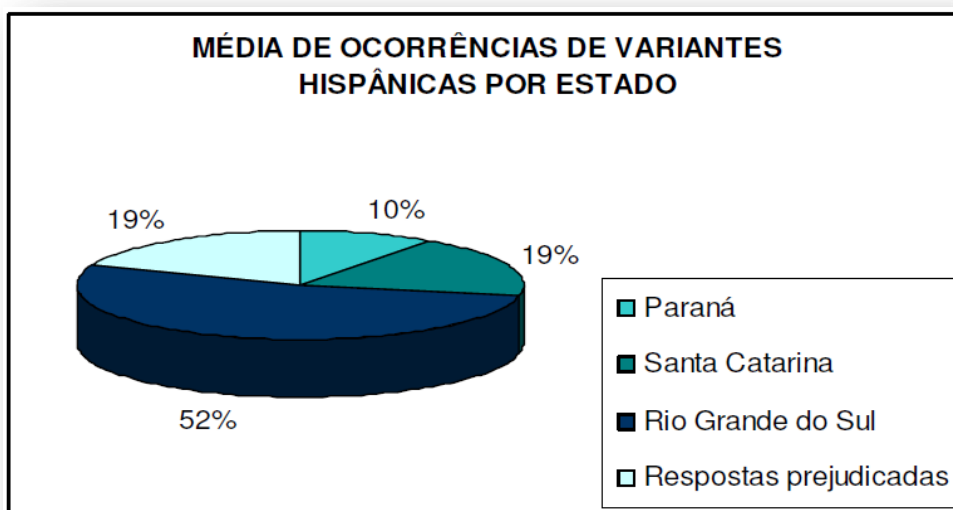


Figura 8: Média de ocorrências de variantes hispânicas por estado (Rocha, 2008: 132).

4.5 ERF em contato com os DPU¹⁸

Esta subseção trata de um caso específico, para dar um exemplo do contato na zona fronteira no território uruguaio e para mostrar que esse fenômeno linguístico é muito híbrido e por isso complexo para analisar. Para ser mais específico sobre o contato linguístico que acontece naquela região, é preciso apontar umas características das línguas faladas e também sobre o contato atual entre essas variações fronteiriças.

Como vários autores afirmam (Elizaincín & Barrios, 1989; Judd, 2007; Caviglia, Bertolotti & Coll, 2008), o espanhol do Uruguai não pode ser visto como uma língua homogênea. Na área fronteira existe também uma variação ou um dialeto do espanhol uruguaio¹⁹ com influência de português. Elizaincín & Barrios (1989) e Lipski (2006) notam, além dos *dialeto portugueses do Uruguai (DPU)* ou *português uruguaio rural (PUR)*, que também existe uma forma parecida em espanhol. Elizaincín et al. (1989) propõem o termo *espanhol rural fronteiriço (EFR)*²⁰, o que sugere que esse dialeto é de base espanhola com influência do português, ou um dialeto dele, e assim o explicam. Segundo esses autores, no Uruguai coexistem falantes de regiões muito diversas e formam assim uma interrelação sociodialetal muito complexa.

O mesmo caso acontece na zona fronteira com o Brasil, em que interferem os dialetos com

¹⁸ Neste caso, o termo DPU é usado, porque estamos falando na terminologia de Elizaincín et al. (1989), que desempenha um papel grande nesta parte do estudo.

¹⁹ Aqui está escrito *espanhol uruguaio*, porque assim deixa claro que se trata do espanhol geral falado no Uruguai que é, por sua vez, uma variação do castelhano.

²⁰ Termo original em espanhol: *español rural fronteriza*.

base espanhola com os dialetos de base portuguesa e, em muitos casos, na zona fronteiriça rural. Para dar um exemplo claro sobre a presença e influência do contato entre os dois dialetos:

ERF: “No es lo mismo; no es la misma calidad”

EUM: “No eh lo mi^hmo; no eh la mi^hma calidad”.²¹ (Elizaincín et al. 1989: 64)

Nesse estudo com 22 participantes, Elizaincín et al. (1989) compararam o espanhol urbano montevideano com o espanhol rural fronteiriço, a fim de verificar a diferença entre essas duas variações de espanhol uruguaio e compará-la com o português ou, melhor, os *DPU*. Assim, eles descobriram a influência dos *DPU* a *ERF*. Então, concluem, depois de uma investigação no português falado na fronteira, que o /s/ é o mesmo que o na região sul do Brasil. No entanto, o /h/ é mais comum no espanhol uruguaio. Outro exemplo, entre outros, que os autores encontraram é que os falantes de *ERF* falam com um *v* labiodental, então /v/ como em português em vez de /b/, como no *EUM*.

Carvalho Lafin (2011) encontrou na sua pesquisa, no estudo anterior de Elizaincín (1992), algumas observações entre essas línguas em contato. Um exemplo da prova do contato é que os falantes da variedade de base espanhola usam a forma de base portuguesa do verbo *ter* e *haver*.

Base portuguesa: “Condução aqui não tem, vem o omnibus que pasa ahí”

Base espanhola: “Tiene niño en la escuela”

Base portuguesa: “Aqui, no Uruguai, no hay café como tem no Brasil”

(Carvalho Lafin, 2011: 36)

Dessa forma, notamos uma forte influência dos dialetos portugueses no espanhol rural, perto da fronteira.

²¹ Em que *EUM* é espanhol urbano montevideano.

5 Conclusão/ Discussão

Neste último capítulo, uma conclusão e discussão serão expostas deste estudo apresentado. A conclusão existe de uma interpretação possível, depois segue a discussão da terminologia e dos outros assuntos discutidos e, para encerrar, alguns considerações finais serão dadas.

5.1 Uma interpretação possível

No princípio deste estudo, só existia a intenção de investigar o fenômeno sociolinguístico fronteiriço e dar uma breve explicação do que se tratava. Essa observação sociolinguístico de dados literários trataria do português em contato, junto com bilinguismo e diglossia e os aspectos sociais do *portunhol*. Todos esses assuntos foram discutidos neste estudo. Agora, como chegamos quase no final deste estudo, notei que ele levava ainda mais aspectos úteis deste fenômeno linguístico fronteiriço, que me serviram para formar uma interpretação possível das mudanças linguísticas dos dialetos fronteiriços. Depois da parte do uso do português então, tomei ainda um passo a mais, na direção da dialetologia, então agora posso apresentar minha própria conclusão sobre a dialetologia na fronteira do Uruguai com o Brasil, cujo princípio fica no ponto de vista sociolinguístico.

Então, assim observamos todos os pontos apresentados e discutidos neste estudo e elaboramos uma interpretação possível do que exatamente se trata esse *portunhol*.

Uma interpretação do contato dos vários dialetos, derivados tanto da língua portuguesa, como da espanhola, em consonância com os investigadores anteriormente mencionados, pode ser o seguinte. Na **Figura 9** há um mapa para explicar, de uma maneira mais clara, uma interpretação potencial das distribuições dos distintos dialetos, ou seja das línguas faladas na toda zona fronteiriça entre o Uruguai e o Brasil. Também esse mapa mostra a presença das línguas atuais e então seus contatos contemporâneos.

Nesse mapa, vemos que existem três zonas que indicam fronteiras linguísticas. Como podemos entender dos estudos anteriores, não existem linhas claras entre os distintos dialetos (Elizaincín et al., 1987; Elizaincín & Barrios, 1989; Carvalho, 2003; Behares, 2010; Carvalho Lafin, 2011; entre outros). Mas, para esclarecer a ideia da distribuição das línguas atuais, colocamos umas linhas mais abstratas. Então, é importante considerar que as linhas não são tão claras e direitas como aparecem em tal mapa.

A primeira zona, como descreveu Behares (2010) também afirma Rocha (2008), como também podemos observar nos Anexos da investigação da Rocha (2008), indica o limite da influência do espanhol uruguaio no português no Rio Grande do Sul (desde agora: RS). A zona dessa influência do espanhol no português é verde, mas também a zona do fronteiroço ou DPU inclui essa influência. Toda essa zona, a verde e a azul, é a *zona fronteiroça*. Isso podemos chamar *uma* zona só, porque todo dialeto dessa zona tem como base o português, e por isso, nesse sentido, ela é homogênea. Então, nessa zona, fala-se o *fronteiroço*, do qual fala Rona (1959), sem apontar dialetos ou outras influências. Ele só notava a situação linguística, distinto do Brasil e do Uruguai. Na zona fronteiroça uruguaia, ele apontou quatro dialetos, dependendo do estado no norte do Uruguai.

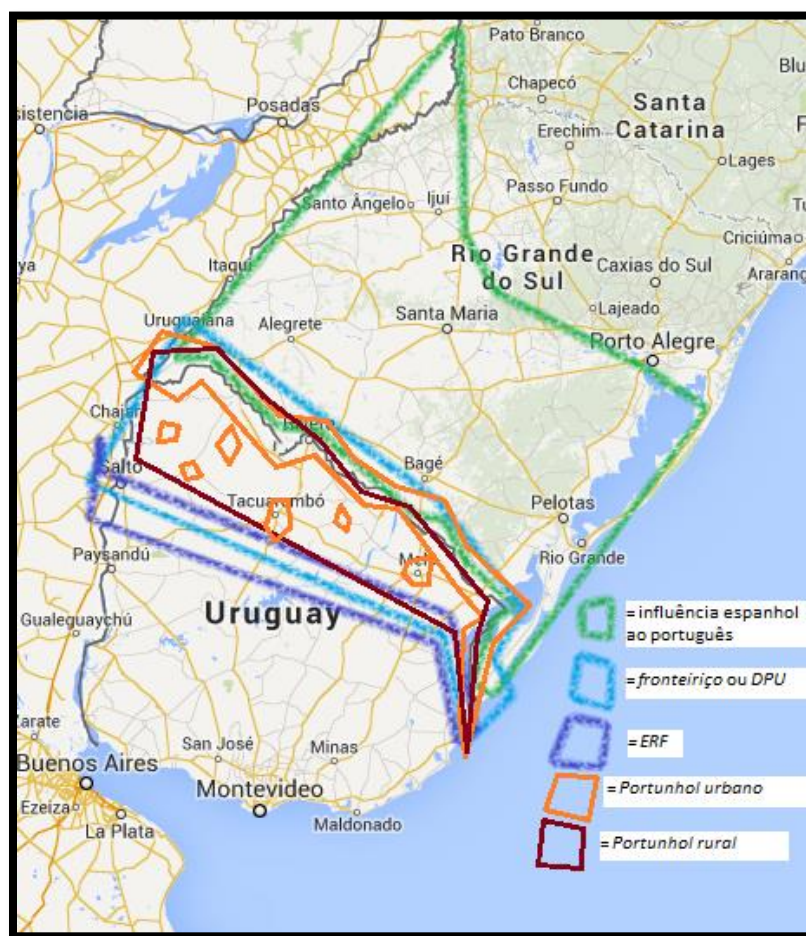


Figura 9: Uma interpretação potencial da distribuição e o contato das línguas fronteiroças, baseada nas investigações anteriores, mencionados neste estudo.²²

²² Depois de uma leitura profunda, esta é a minha interpretação, as linhas foram desenhadas por mim.

Para falar mais detalhadamente, agora vamos ver as situações linguísticas mais particulares dentro dessa *zona fronteiriça*, na parte uruguaia, que são muito complexas. Isso porque, nessa área, colaboraram e até hoje *colaboram* fatores extralinguísticos, como o desprestígio dos dialetos fronteiriços e uma história política dura na educação. É assim que os dialetos falados, da fronteira política até a última linha no interior do Uruguai, são diferentes dos dialetos da região apontada no RS. Naquele estado do Brasil, o português nunca foi uma língua de desprestígio, porque é o idioma nacional. E em decorrência, o ensino é em português. O espanhol é introduzido pelos turistas ou ensinado como língua estrangeira nas escolas, então os brasileiros nunca foram obrigados de aprender esse idioma. A situação sociolinguística brasileira é muito diferente e é notável no uso do idioma, porque os brasileiros não convivem em uma situação bilíngue, só na fronteira. Então é por isso que a zona de *portunhol* começa na fronteira política até o interior do Uruguai e não na metade do RS. Rocha (2008) usa o termo *Português Gaúcho da Fronteira (PGF)* para esse português no extremo sul do Brasil.

Seguimos com os *dialetos portugueses do Uruguai (DPU)* de Elizaincín et al. (1989). Vimos na **Figura 3** que Rona (1959) já apontou algumas variações do *portunhol* e Elizaincín et al. (1989) fizeram uma investigação mas ampla nessa área. Os autores concluíram que há muitas variedades do *portunhol*, por isso o termo *DPU*, mas ainda podemos distinguir duas formas mais extremas: o *portunhol rural* e o *urbano*. Carvalho (2003) não concorda com a dicotomia tão radical e adiciona que a linha dentro dessas variantes não é tão clara, porque o *portunhol rural* tem influência do *portunhol urbano*, e o contrário também acontece. Essa observação levamos também na **Figura 9**. Também existe um dialeto uma base espanhola, o *ERF*, com influência do português e do *portunhol* (Behares, 2010). Podemos observar todos aqueles dialetos na **Figura 9**, com o foco na coexistência deles. Nesse caso, temos que levar em conta que há mais variedades desse *portunhol*, que não podemos mostrar. Isso porque, provavelmente, os dialetos que estão em contato de um lado do país, não são os mesmos que estão no outro lado. Ainda não é muito claro quantas variedades tem o *portunhol*, seria um estudo interessante no futuro.

5.2 Discussão

Com esse último capítulo **5 interpretação possível**, seguimos agora com a discussão sobre o *portunhol* e damos uma volta à terminologia, os aspectos históricos, o uso do *portunhol* e, ao final, discutimos os contatos naquela zona fronteiriça. Ao final deste capítulo, são elaboradas as considerações finais sobre estudos futuros.

Que é portunhol e como o podemos interpretar e classificar? Desde o princípio deste estudo, começamos com a discussão de uma terminologia ampla, desde os termos mais comuns, até uma denominação interpretada pelos próprios falantes dessa variedade linguística.

O termo *fronteiriço*, de Rona (1959), indica mais que tudo, uma zona geográfica, e não uma zona linguística, porque, como explicam Elizaincín et al. (1987), qualquer linguagem que surge na fronteira, pode ser chamada de *fronteiriço*. Rona (1959) aponta que o limite linguístico fica mais no interior do Uruguai, mas o termo *fronteiriço* não aponta limites linguísticos. Esse termo, então, não parece adequado se estamos falando da *língua* da zona fronteiriça.

Os *Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU)*, de Elizaincín et al. (1987), parece adequado, porque aponta a zona da fala e também aponta que coexistem vários dialetos com a mesma base portuguesa. O lado negativo desse termo consiste no fato de que ele pode dar a impressão de um mosaico de variedades diferentes, em que não tem relações fortes de fala. Mas, como também opina Carvalho (2003), não existem limites linguísticos claros entre dialetos e, por isso, esse parece um dos termos mais adequados na terminologia do *portunhol*.

Falando disso, o termo *portunhol* tem tantos pontos negativos, que quase parece um termo inútil em textos acadêmicos. Isso porque há muita confusão sobre o que pode significar o *portunhol*. Os próprios falantes usam esse termo, mas não apenas eles. Como explicado, tal termo também é empregado em outras situações, como, por exemplo, as pessoas que estão aprendendo o outro idioma. Como vimos na discussão da terminologia, existem quatro pontos de vista de interpretações. Dos usos listados, em um estudo como esse estaria-se restringindo à opção *d)*, sendo essa a interpretação adequada para explicar o fenômeno linguístico fronteiriço. Dessa forma, se o termo *portunhol* for utilizado em textos acadêmicos, é sempre preciso mencionar uma explicação como a apresentada em opção *d)* para evitar confusões e ambiguidades. Tendo-se essa restrição, aí sim, *portunhol* será um termo muito adequado, porque aponta que se trata de uma mistura de espanhol com português em uma palavra, na qual a base da palavra portunhol *portu-* também indica que a base dessa língua é português. No capítulo [História do portunhol](#), mostrou-se que a base desse idioma é português, então, na terminologia, é um termo muito adequado. Outro ponto negativo do termo, por outro lado, é que não remete à zona geográfica em que se fala o *portunhol*. Para mencioná-lo, é necessário dizer, por exemplo, *portunhol uruguaio*. É uruguaio, porque a zona em que ele é falado, como

vemos na **Figura 9**, é mais que tudo no norte do Uruguai e na própria fronteira política desse país com o Brasil. Assim, menciona-se a base da língua a mistura de espanhol com português e a zona em que se fala o *portunhol*, então o termo está completo.

Com o encorajamento do governo uruguaio na educação bilíngue, ou seja, com o ensino em espanhol uruguaio e português brasileiro, aumenta a classe social média que se comunica em duas línguas. Como Waltermire (2012) aponta na discussão sobre o bilinguismo e a diglossia (em capítulo 4 *Português em contato*, ponto 4.1 *Diglossia e bilinguismo*), é difícil separar dois idiomas em categorias formais e informais, especialmente no caso da zona fronteira no Uruguai. Como *portunhol* já é uma mistura, também se falam nas duas línguas sem muita diglossia, mas em algumas ocasiões está presente. Carvalho (2010) introduz um termo muito adequado para esse fenômeno de diglossia. Ela propõe o termo *semi-diglossia*, o que indica que existe uma certa forma de diglossia, mas não em uma dicotomia tão clara como, em um lado, a comunicação formal e de outro lado a informal.

Na discussão sobre a questão do *portunhol* ser uma língua ou um dialeto, voltamos à terminologia de Elizaincín et al. (1987), ou seja, aos *DPU*. Eles falam de vários dialetos porque, como também sugere o termo, as línguas distintas, com a mesma base, são espalhadas na zona norte do Uruguai e não existe apenas um tipo de *portunhol*. A razão pela qual o *portunhol* está escrito em itálico e não como ‘espanhol’ ou ‘português’ é que não se pode ver como uma língua, ao menos em comparação com o espanhol e o português. Tudo isso tem ligação com o desprestígio, citado no Capítulo 3 *O uso do portunhol*, no ponto 3.3 *Aspectos sociais*, e com o fato de que não há só uma variedade de base portuguesa, mas sim várias. Dessa forma, a língua não é homogênea e se torna difícil de ver todas as variedades como uma mesma língua. Se um desses dialetos portugueses no Uruguai obtivesse um status de prestígio, se poderia ver o *portunhol* como uma própria língua e escrevê-lo como ‘portunhol’ e interpretar os outros dialetos como variedades de portunhol.

Mas, por agora, esse status ainda não existe, então é necessário esperar um pouco mais de desenvolvimento na classe social, na política e também geograficamente para a expansão de, quem sabe, os falantes de português no sul do Uruguai.

5.3 Considerações finais

Neste trabalho observamos apenas alguns pontos do *portunhol*, não foi possível elaborar uma discussão que aprofundasse todos os aspectos envolvidos com esse fenômeno. Dessa forma,

para encerrar este estudo, consideramos alguns pontos que tal-vez sejam interessantes ou importantes para estudos futuros.

No termo *DPU*, notamos que há mais variedades do *portunhol*, mas ainda não é muito claro se esses dialetos são tão distintos, se podem se comunicar e entender em outros dialetos, se existem outras palavras em outros dialetos e se, ainda dentro da mesma comunidade, se falam a mesma variedade linguística. Um estudo sobre as relações entre os dialetos portugueses do Uruguai pode contribuir para o conhecimento geral dos idiomas fronteiriços e tal-vez possa esclarecer as razões de existirem tantos dialetos distintos.

Um ponto importante a ser mencionar sobre este estudo é que foi difícil encontrar estudos sobre os dialetos falados nessa fronteira política, mesma no lado brasileiro, fora das comunidades das cidades gêmeas. Para estar mais segura na interpretação possível deste estudo, é importante investigar se as comunidades brasileiras rurais na fronteira, falam o mesmo tipo de portunhol que as comunidades uruguaias na fronteira. Ou seja, é necessário saber se os brasileiros falam a mesma variedade linguística dos uruguaios habitantes das cidades gêmeas. É preciso, também, investigar até onde existe o limite desse idioma no Brasil e onde fica a fronteira linguística entre o portunhol uruguaio no Brasil e o português do RS com uma forte influência do espanhol.

*“Miña língua le saca la lengua al disionario,
baila em pagode insima dus mapa
y fas com a túnica y a moña uma cometa
pra voar, livre y solta pelu seu.”*

- Fabián Severo

Uma pequena análise por Behares (2010:17):

““Túnica” (aventail) e “moña” (laço) fazem parte do cotidiano das escolas, já que as crianças assistem às aulas vestidas de aventail branco e laço azul. Esse “uniforme” tem sido identificado tradicionalmente com a escola pública, laica, gratuita e obrigatória desde 1877. No caso da fronteira, a escola está também identificada com a língua espanhola, porque tem sido a escola o âmbito principal de imposição dessa língua na região.”

Referências bibliográficas

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter (1996). *Bilinguismo y contato de lenguas*. Barcelona: Editorial Ariel S.A.

BARRIOS, Graciela . “Marcadores linguísticos de etnicidad.” Em: *Int'l J. Soc. Lang.* 117, pp. 81-98. (1996).

BEHARES, Luís Ernesto (2004). *Português Del Uruguay y educación fronteriza*. Montevideo: ANEP-CO-DILEN.

BEHARES, Luis Ernesto. “Apresentação Educação fronteira Brasil/ Uruguai, línguas e sujeitos.” *Pro-posições, Campinas*, Vol. 21, No.. 3 (63), p. 17-24, (set./dez. 2010).

BLASER, Jutta. ““Carimbão” oder “corrupio”: Sprachmischung und Sprachbewusstsein im Norden Uruguays.” Em: *Portugiesisch in der Diaspora: Vorträge vom 4. Lusitanistentag na der Universität Mainz. Germersheim/ Rhein: Centro de Estudios Latinoamericanos; Institut für Romanistik/ Univ. Mainz*: p. 103-129, (2003).

BUENO, Wilson (1992). *Mar Paraguayo*. São Paulo: Iluminuras/ Secretaria do Estado da Cultura do Paraná.

CALVO CAPILLA, M. Carolina, RIDD, Mark. “A tradução como atividade contrastiva e de conscientização na aprendizagem de línguas próximas.” Em: *Horizontes de linguística Aplicada*, Vol. 8, No.. 2, p. 150-169, (2009).

CARVALHO, Ana Maria, (1998). *The social distribution of Uruguayan Portuguese in a bilingual border town*. PhD Diss., University of California, California.

CARVALHO, Ana Maria. “Rumo a uma definição do português uruguaio.” Em: *Revista internacional de linguística Iberoamericana*, Vol. 1, No. 2, p. 125-149, (2003).

CARVALHO, Ana Maria. “Políticas lingüísticas de séculos passados nos dias de hoje. O dilema sobre a educação bilíngüe no norte do Uruguai.” Em: *Language problems & Language planning*, Vol. 30, No. 2, p. 149-171, (2006).

CARVALHO, Ana Maria; BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier (2007). “Diagnóstico sociolingüístico de comunidade escolares fronterizas en el norte de Uruguay”. Em: *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: Administración Nacional de Educación Pública, p. 44-96.

CARVALHO, Ana Maria (2009). *Português em contato*. Madrid: Lingüística luso-brasileira, Iberoamericana Vervuert, segunda edição.

CARVALHO, Ana Maria (2010). “Contribuições da sociolingüística ao ensino do português em comunidades bilíngües do norte do Uruguai.” Em: *Proposições, Campinas*, Vol. 21, No. 3 (63),

p. 45-65, (set. /dez. 2010).

CARVALHO LAFIN, Gabrielle, (2011). *O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas.

CAVIGLIA, Serrana, BERTOLOTTI, Virginia, & COLL, Magdalena. “La frontera Uruguay- Brasil. Análises linguístico de un corpus del siglo XIX”. *Spanish in Context, Ingenta Connect*, 5, 1, 20-39 (20), (2008).

COSERIU, Eugenio (1982). *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de lingüística Hispánica.

COSTA, Celio Juvenal. “Os jesuítas no Brasil: servos do papa e súditos do rei.” Em: *Diálogos*, Vol. 10(2), (2006).

CRYSTAL, D. (2003). *A dictionary of linguistics and phonetics*. Oxford: Blackwell.

DANIEL, Claudio. “Memory: Wilson Bueno.” Em: *Psicanálise e Barroco em Revista*, Vol. 8 (1), p. 207, (2010).

DOS SANTOS MOTA, Sara. “Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite nu Norte. Enunciação e política de Línguas no Brasil.” Em: *Revista Letras. Espaços de Circulação da Linguagem*, n. 27, p. 47-53, (jul./dez. 2006).

ELIZAINCÍN, Adolfo (1992). *Dialectos en Contacto – Español y Portugues en España y América*. Montevideo: Arca Editorial S.R.L.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Introducción: la sociolingüística en Argentina, Paraguay y Uruguay. Em: *Int'l J. Soc. Lang.* 117, p.1-9, (1996).

ELIZAINCÍN, Adolfo. “Historia extrerna del español en Argentina y Uruguay.” Em GRUYTER, Walter de: *Romanische Sprachgeschichte/ Historie linguistique de la Romania*, Tome 1. Verlin-New York. 1035-1045, (2003).

ELIZAINCÍN, Adolfo & BARRIOS. “Algunas características del español rural uruguayo: primera

aproximación.” Em: *Iberoromania*, Vol. 1989, No. 30, p. 63-69, (1989).

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luís & BARRIOS, Graciela (1987). *Nos falemo brasileiro. Dialetos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur.

FERGUSON, Charles A. (1959). “Diglossia.” Em: FONSECA, Maria S. Viera da; NEVES, Noema FACURE. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GASPARINI, Pablo. “Inmigración y bilingüismo literário: sobre las lenguas de Copi, Wilcock, Perlongher y Bianciotti.” Em: *Hispanic Research Journal*, Vol. 10, No. 3, p. 247-257, (junho, 2009).

GASPARINI, Pablo. “Néstor Perlongher: una extraterritorialidad en gozoso portuñol.” Em: *Revista Iberoamericana*, Vol. LXXVI, No. 232-233, (jul/dez, 2010).

HENSEY, Frederik Gerald. “Considerações metológicas na análise da influência castelhana no português.” Em *Véritas, Porto Alegre: PUC/RS*, p. 142-157, (1965).

HENSEY, Frederik Gerald. “O sociolinguismo da fronteira sul.” Em: *Letras Hoje, Porto Alegre: PUC/RS*, p. 107-116, (1969).

HENSEY, Frederik Gerald (1972). *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague: Mouton.

ILARI, Rodolfo. “Independência política e ideologia linguística no Brasil do século XIX.” Em: *Stockholm Review of Latin American Studies*, Vol. 8, p. 7-19, (2012).

JUDD, Michael T. “O dialeto fronteiro do Uruguai: origens, investigações e oportunidades.” Em: *Revista Espaço Acadêmico*, No. 7, (junho, 2007).

KERSCH, Dorotea Frank (2006). *A construção relativa na língua falada. Enfoque na fronteira bilíngüe do Brasil com o Uruguai, comparado ao espanhol e ao português riopratense e europeu*. Kiel: Westensee Verlag Kiel.

LIPSKI, John M. (2006). "Too close for comfort? The genesis of Portuñol/ Portunhol." Em: FACE, THIMOTY & CAROL, A. Klee (ed.). *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Cascadilla Proceedings Project: Somerville, MA, p. 201-18.

PASTAFIGLIA, Marcelo (2008). *O espanhol da região do rio da Prata. Contato linguístico como português do Brasil*. UNESCO, Anais do CELSUL.

PUNAREN, P. (1999). *Las actitudes lingüísticas y el prestigio del portuñol en la ciudad de Rivera*. Finlândia: Universidade de Helsinki.

ROCHA, Patrícia Graciela da (2008). *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: Empréstimos lexicais*. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-graduação em linguística.

RONA, J.P. (1959). *El dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República.

RONA, J.P. (1965). *El dialecto "fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias.

SALA, Marius, (1998). *Lenguas en contacto*. Madrid: Editorial Gredos, S.A.

SEVERO, Fabián, (2010). *Noite nu Norte, poemas em portunhol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón.

STURZA, Eliana Rosa. "Línguas de fronteira: O desconhecido território das práticas linguísticas nas froneiras brasileiras." Em: *Ciencias Culturais*, Vol. 57, n. 2, (São Paulo: 2005).

STURZA, Eliana Rosa. "Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários." Em: *Proposições, Campinas*, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, (set./dez. 2010).

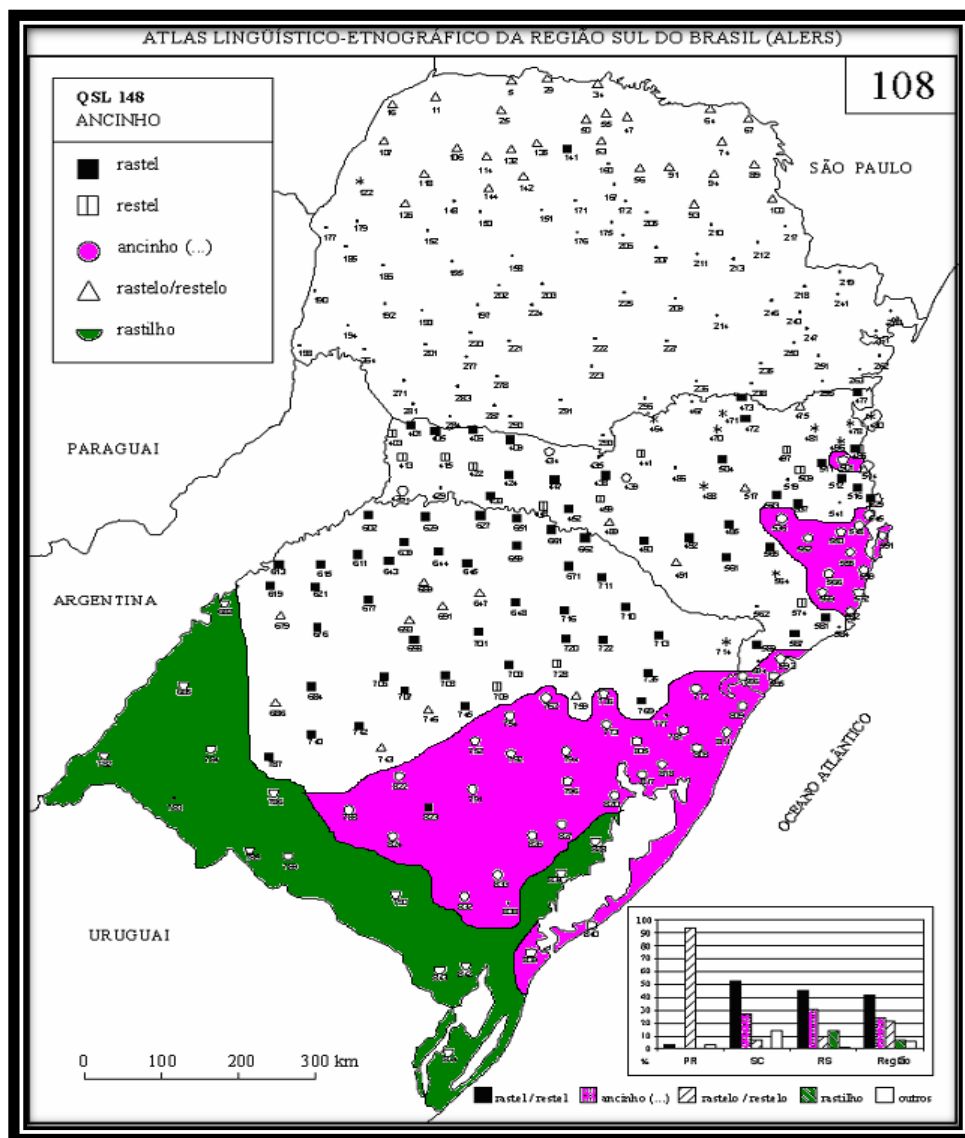
TARALLO, Fernando Luiz (1985). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática (1951-1992).

VANDRESEN, Paulino. "A expansão do português na América Latina." Em: *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, p. 185-195 (2009).

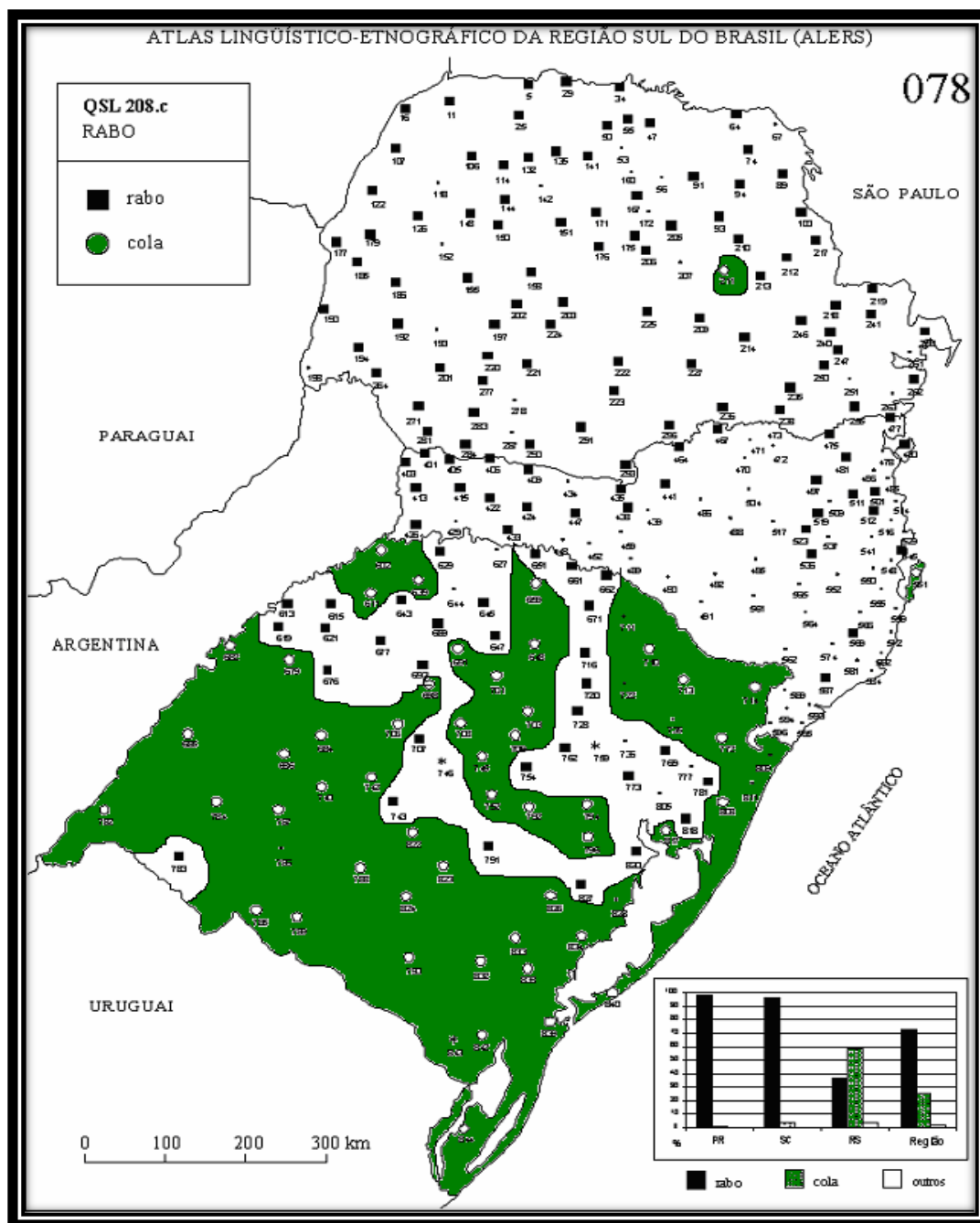
WALTERMIRE, Mark. "The differential use of Spanish and Portuguese along the Uruguayan-Brazilian border." Em: *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, Vol. 15, No. 5, 509-531, (2012).

ANEXOS

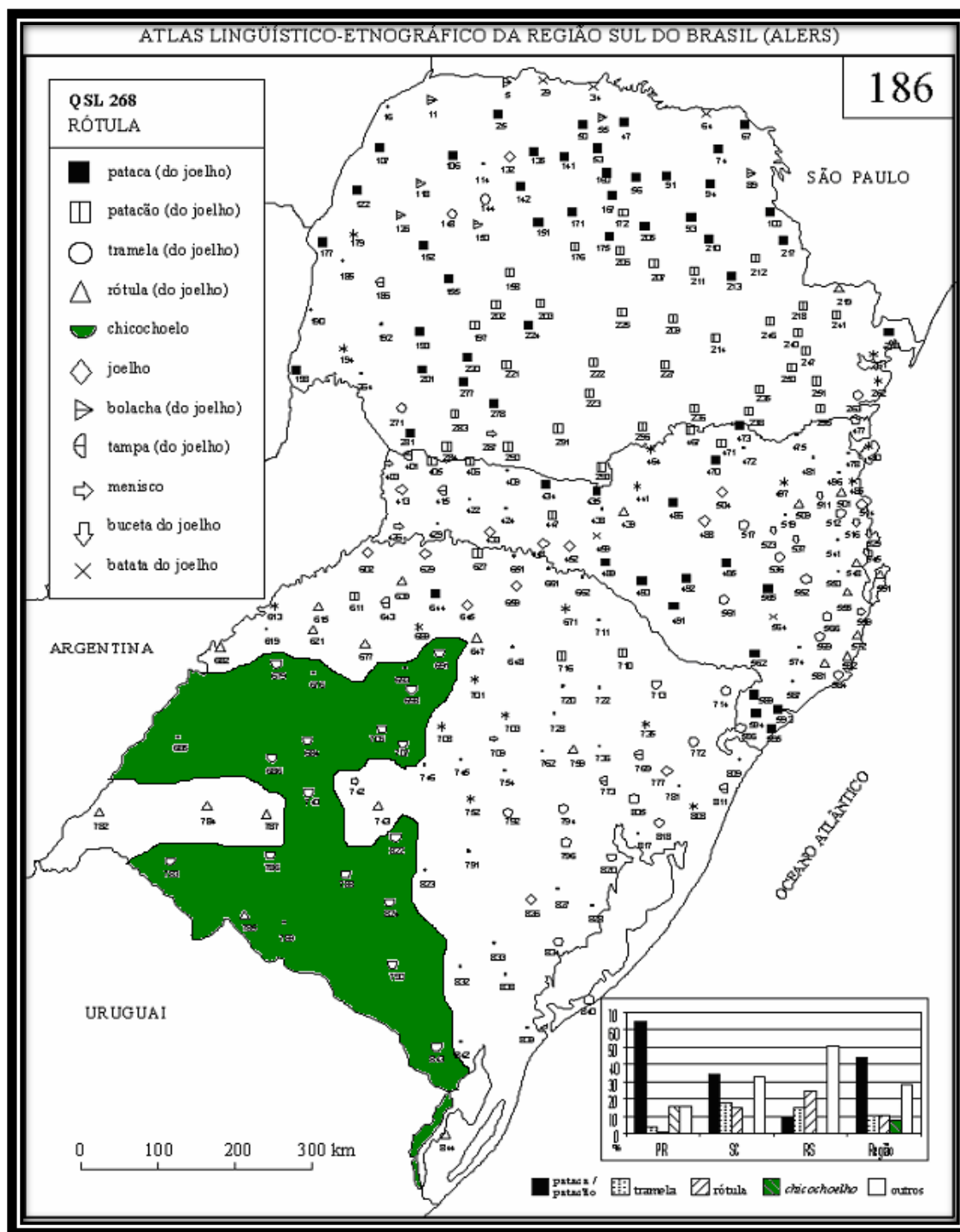
Os anexos deste estudo são todos de Rocha (2008). Eu refiro a esses mapas para poder mostrar a interferência do léxico espanhol ao língua portuguesa no Sul do Brasil. Dentro dessa distribuição, vemos que, como também está mostrado na **Tabela 3** e **Figura 8**, o espanhol tem uma presença forte nas zonas fronteiriças do Brasil com Uruguai, Argentina e Paraguai. Neste Anexo vemos a distribuição das palavras seguintes: *rastilho*, *cola*, *chicohoelo*, *guampudo*, *bolita* y *borracho*.



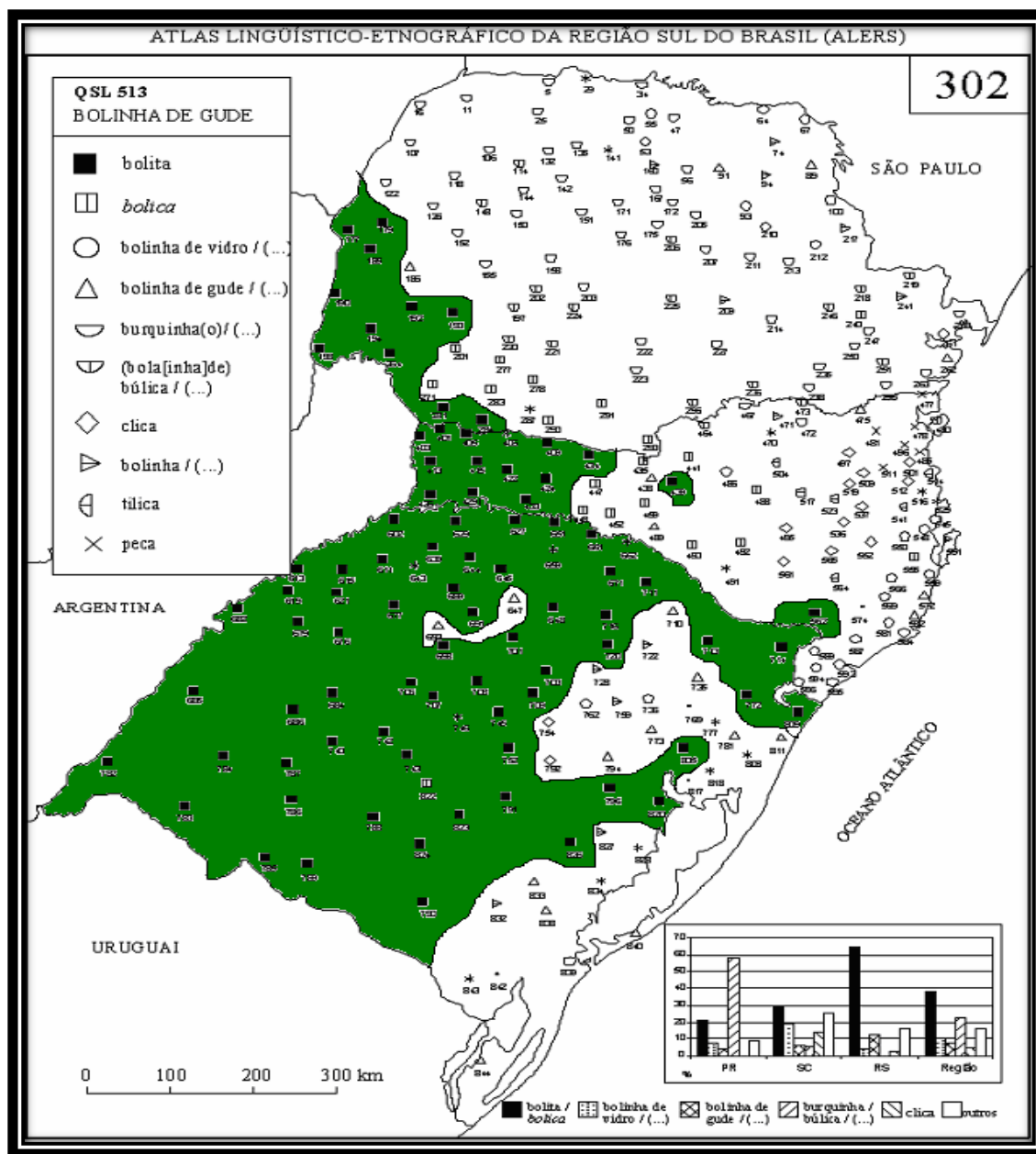
Anexo 1: A distribuição da palavra *rastilho* (Rocha, 2008: 63).



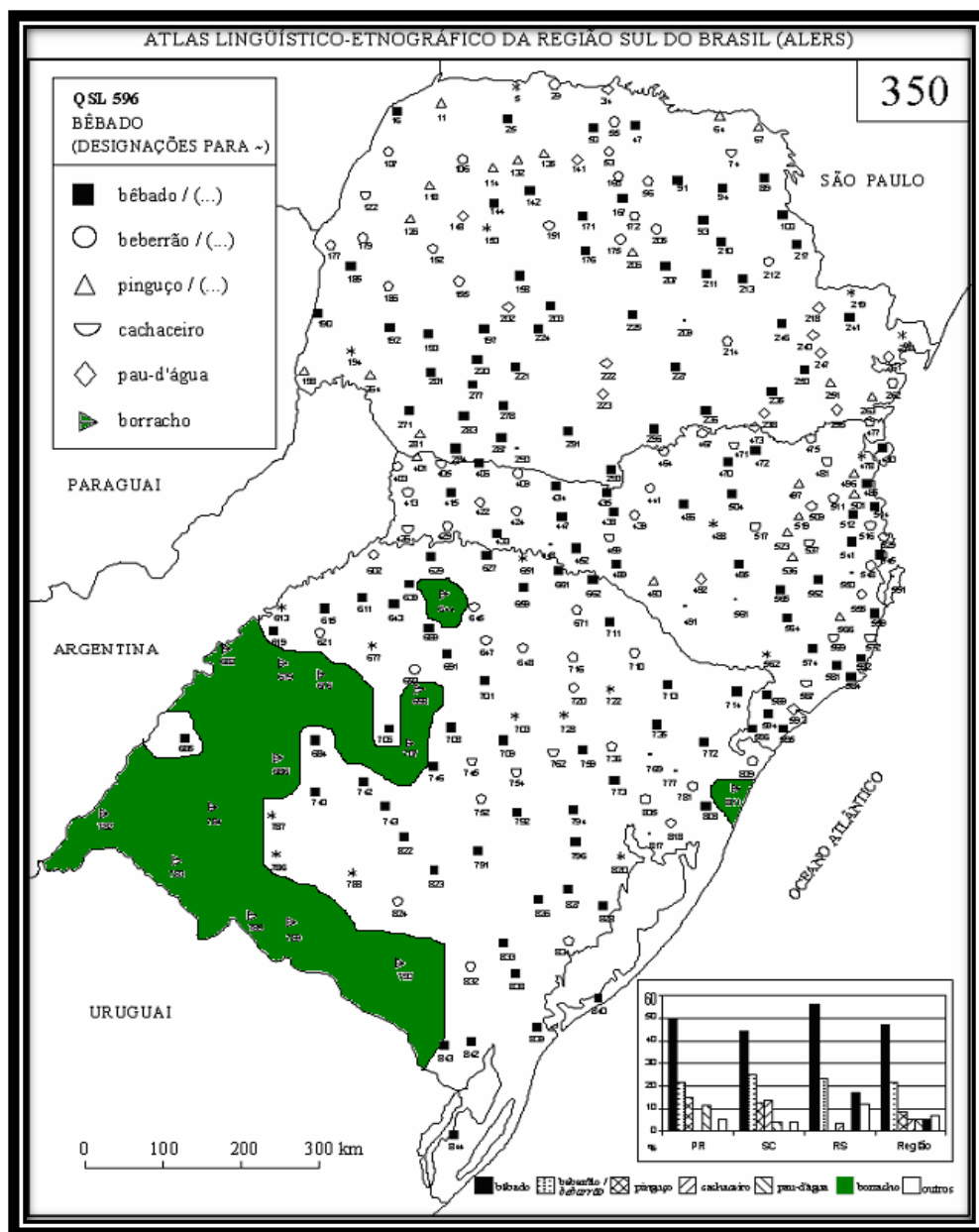
Anexo 2: A distribuição da palavra *cola* (Rocha, 2008: 79).



Anexo 3: A distribuição da palavra *chicochoelo* (Rocha, 2008: 84).



Anexo 4: A distribuição da palavra *bolita* (Rocha, 2008: 91).



Anexo 5: A distribuição da palavra *borracho* (Rocha, 2008: 109).